



**Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,  
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira**

**SEXUALIDADE MASCULINA HOMOSSEXUAL, PREVENÇÃO DA  
AIDS E CORPOS EM AMBIENTE VIRTUAL**

**Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato**

**Rio de Janeiro  
Dezembro de 2013**



**Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,  
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira**

**SEXUALIDADE MASCULINA HOMOSSEXUAL, PREVENÇÃO DA  
AIDS E CORPOS EM AMBIENTE VIRTUAL**

**Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato**

**Rio de Janeiro  
Dezembro de 2013**



**Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,  
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira**

**SEXUALIDADE MASCULINA HOMOSSEXUAL, PREVENÇÃO DA  
AIDS E CORPOS EM AMBIENTE VIRTUAL**

**Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato**

Tese apresentada à Pós-  
graduação em Saúde da Criança  
e da Mulher, como parte dos  
requisitos para obtenção do título  
de Doutor em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Romeu Gomes

**Rio de Janeiro  
Dezembro de 2013**

H774s Honorato, Eduardo Jorge Sant'ana.

Sexualidade Masculina Homossexual, Prevenção da AIDS e Corpos em Ambiente Virtual./ Eduardo Jorge Sant'ana Honorato. - Rio de Janeiro, 2013. 71f.: il.

Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Rio de Janeiro, RJ, 2013.

Orientador: Dr. Romeu Gomes

Bibliografia: f. 70-71.

1. Síndrome de Imunodeficiência Adquirida - AIDS. 2. Prevenção.
3. Homossexualidade masculina. I. Título.

CDD 22.ed. 362.713

*Para meu anjo curumim.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a pessoa que mais me ajudou direta e indiretamente, ao longo de toda uma jornada: Katia Santana Cruz. Uma tia com atuação e coração de mãe. Sem seu apoio, orientação e suporte, jamais teria conseguido.

Agradeço aos meus pais, irmão e prima-madrinha por terem me aguentado todos esses anos, com meus sonhos em ser pesquisador.

Agradeço ao Cássio Péres Fernandes por ter me ouvido e amparado quando pensei em desistir.

Agradeço a professora Suely Deslandes pelo resgate que fez e por ter me direcionado quando mais precisei.

Agradeço ao professor Romeu Gomes, um orientador na forma de pai, amigo e mestre, sempre mostrando caminhos e disposto a ajudar. Obrigado pela paciência e por todo o aprendizado.

Agradeço a minha grande amiga, irmã e mentora Denise Deschamps, que me hospedou fisicamente e principalmente, emocionalmente, durante esses longos anos.

Agradeço a meu filho Lucas, um anjo em forma de curumim, que um dia entenderá que as ausências nesses primeiros 4 anos de sua vida foram necessárias para meu crescimento profissional e para nossa família.

## RESUMO

Esta tese contém dois artigos, resultantes de uma pesquisa que objetivou analisar aspectos relacionados à prevenção contra a Aids em ambientes virtuais homossexuais masculinos que se centravam na veiculação do corpo. Tomou-se como referência a idéia de que o cibercorpo se encontra na cibersexualidade, onde o corpo do outro, virtualizado, passa a ser somente um lugar de visita, como uma página na Internet e o sexo entre eles é o ideal. O primeiro artigo traz uma proposta de reflexão sobre a relação entre a cibercultura e a saúde pública e sua utilização como meio para pesquisa, e não apenas como instrumento. O segundo traz os resultados da pesquisa de campo realizada em um website. O desenho metodológico utilizado foi de natureza qualitativa, focalizando tanto a análise dos sentidos subjacentes às ideias quanto a sua contextualização à luz de significados culturais mais amplos. Os artigos trazem reflexões sobre as necessidades da Saúde Pública, enquanto campo e área de estudos, voltar seu olhar para a cibercultura e as novas formas de interação, levando em consideração os aspectos sócio-virtuais. Entre os resultados encontrados destacam-se os seguintes: corpo masculino desejado formatado por músculos definidos e ausência de pelos; percepção de vantagens da internet na busca do parceiro sexual e uso ou não do preservativo como medida de proteção contra à Aids baseado em avaliações do parceiro. Conclui-se ser importante fazer do ambiente virtual um espaço de problematização de ideias e experiências em prol da realização do prazer entre as pessoas, do mesmo sexo ou de sexos diferentes, sem que haja adoecimento do corpo.

**Palavras-chaves:** corpo masculino, ambiente virtual, prevenção à Aids, homossexualidade masculina.

## ABSTRACT

This thesis contains two papers, resulting from a research that aimed to analyze aspects related to AIDS prevention in virtual gay men environments which focused on the image of the body. It has taken, as a reference, the idea that the cyberbody meets in cibersexuality, where the body of another, virtualized, becomes only a place to visit, as a web page and the sex between them is the ideal. The first article presents a proposal for a reflection on the relationship between cyberculture and public health and its use as a way of research, and not just as a tool. The second one presents the results of field research conducted in a website. The design methodology was qualitative in nature, focusing on both the analysis of the meanings underlying ideas as to the context in the light of broader cultural meanings. Both articles bring reflections on the needs of Public Health as a field and field of study, returning his gaze to cyberculture and new forms of interaction, taking into account the socio - virtual aspects. Among the results, we highlight the following: the desired male body defined by muscles and without hair; perceived advantages of the internet in a search for sexual partners and use or nonuse of condoms as a protection against AIDS based on assessments partner. It is concluded that important to the virtual environment of a space questioning of ideas and experiences to assist the achievement of pleasure between people of the same sex or different sexes, without the body getting sick.

**Keywords: male body, virtual environment, AIDS prevention, male homosexuality.**

**SUMARIO**

<b>Apresentação</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1 - Introdução</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Objeto e Objetivo</b>	<b>11</b>
<b>1.2 Marco Teórico</b>	<b>16</b>
<b>1.2.1 Corpo Masculino</b>	<b>16</b>
<b>1.2.2 Cibercultura</b>	<b>18</b>
<b>1.2.3 – Prevenção da AIDS</b>	<b>22</b>
<b>1.3 Detalhamento Metodológico</b>	<b>24</b>
<b>Referências</b>	<b>27</b>
<b>Capítulo 2 - Artigos</b>	<b>34</b>
<b>2.1 - A interface entre Saúde Pública e Cibercultura</b>	<b>34</b>
<b>2.2 - A prevenção contra a Aids em ambiente virtual homossexual masculino</b>	<b>46</b>
<b>Capítulo 3 - Considerações Finais</b>	<b>67</b>
<b>Referências</b>	<b>71</b>
<b>Anexos</b>	<b>72</b>

## **Apresentação**

Esta tese encontra-se estruturada em formato de coletânea de artigos, modalidade aceita pelo Regimento Geral dos Programas de Pós-Graduação da Fundação Oswaldo Cruz. Três capítulos integram o seu texto: Introdução, Artigos e Considerações Finais.

O capítulo 1 contém a introdução, com a delimitação do tema, os objetivos e as justificativas. No Capítulo 2 encontram-se dois artigos. O primeiro é referente a modalidade artigo de opinião aceito na revista *Ciência & Saúde Coletiva*, (2151) - 2012, a ser publicado no volume 19 número 2 em fevereiro de 2014, destacando a importância e a relação entre a Cibercultura e Saúde Pública, cenário onde ocorreu esta pesquisa. O segundo artigo, denominado A prevenção contra a Aids em ambiente virtual homossexual masculino refere-se aos resultados da pesquisa realizada em site homoerótico e será enviado para periódicos após considerações e contribuições da banca avaliadora.

O Capítulo 3 apresenta as Considerações Finais onde se articulam os dois anteriores, focando nos objetivos iniciais da pesquisa.

## Introdução

### I -Objeto e Objetivos de Estudo

O corpo assume várias formas de representação social, permitindo explicar e entender o funcionamento de determinados grupos sociais, através de filmes, peças, livros, artigos, entre outros. São tantas as representações possíveis que despertam em todos nós curiosidade. Por elas podemos entender um pouco mais sobre a sociedade na qual estamos inseridos ou estudar historicamente um determinado momento da sociedade, identificando pensamentos, atitudes e comportamentos a serem adotados<sup>1</sup>.

Partindo da premissa que o ambiente virtual pode fornecer potentes subsídios para a prevenção da AIDS e que a discussão sobre o assunto deve ser de caráter interdisciplinar, é que se inscreveu a pesquisa. O presente estudo visou analisar aspectos relacionados à prevenção da AIDS em ambientes virtuais homossexuais masculinos que se centram na veiculação do corpo.

Para isso, buscou-se como objetivos Identificar padrões de corpos de homens como condição inicial de interação homossexual masculina no ciberespaço; Identificar sentidos atribuídos a corpos masculinos veiculados em espaços virtuais por parte de homens jovens e analisar possibilidades e limites da prevenção da AIDS em ambientes virtuais homossexuais masculinos.

A facilidade com que meios promovem a interação entre pessoas tem impactos diretos na saúde pública. Diversos estudos têm se voltado para a rede mundial de computadores e sua interligação com o campo da saúde. Cuenca e colaboradores<sup>2</sup> verificaram a influência que a Internet exercia nas atividades acadêmico-científicas na saúde pública brasileira. Ainda no campo da saúde, Castro<sup>3</sup> aponta para as reestruturações sociais e acadêmicas que surgiram com o advento da Internet, destacando o novo modelo de comunicação via rede, com acesso livre e sem restrições, como um desafio para a academia moderna.

As mais diversas áreas de conhecimento humano correm paralelamente em pesquisas sobre virtualidade, mas poucas consideram a multidisciplinaridade envolvida neste processo. Nesse sentido, fez-se necessário articular diversas áreas, dentre elas, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Informática e Saúde Coletiva, na busca de maior conhecimento sobre comportamento *online*, com suas especificidades, proporcionando assim melhor aproveitamento destes resultados para trabalhos e políticas públicas de saúde, ressaltando-se que a mesma não se torna apenas um instrumento, mas também o próprio meio/local onde tal fenômeno ocorre.

Temos então esse corpo, representante, e essa nova realidade cibernética. O corpo – que tanto pertence ao indivíduo como à sociedade – reflete desejos, angústias, conflitos, ideologias e outros aspectos que podem nos levar a melhor entender a nossa contemporaneidade. Segundo Sennett e colaboradores<sup>4</sup>, o corpo pode ser visto, de um lado, como um dado natural e, do outro, como totalmente moldável e controlável, expressando uma pluralidade à mercê dos fatores interiores e exteriores, da natureza e cultura, do individual e social.

Entender o corpo como objeto de investigação, como o singular do coletivo, é lançar um olhar a ele como objeto de pesquisa, através da revisão da literatura e como os pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento humano o entendiam. Hoje temos um corpo virtualizado, digitalizado, em *pixel*, representante de um sujeito, graças aos avanços tecnológicos mais recentes.

Até pouco tempo as relações sociais se restringiam ao campo do corpo presente, e hoje esse corpo se desloca, transcende a corporeidade, para fundar um plano virtual de encontros. As ciências sociais, quando se propõem a estudar as relações sociais, partem sempre do princípio de que, para haver interação, é preciso ter contato, seja este visual ou físico<sup>5</sup>. Há sempre uma necessidade de presença física do outro para que esta relação aconteça, porém, com estas modernas formas de comunicação, o fator presencial parece não se tornar mais necessário, pelo menos até um determinado momento da relação. Há então uma troca de planos socializadores e este fenômeno parece apontar para mudanças nas operações psicossociais.

O uso de tecnologia nas relações sociais não é algo recente e exclusivo da modernidade. Das mensagens às cartas, dos telegramas aos telefonemas, o homem sempre se utilizou de suas invenções e aparatos tecnológicos para facilitar ou dar continuidade às suas relações. Porém, as primeiras evoluções nesses meios de relacionamentos foram mais lentas, provavelmente proporcionando maiores estudos e análises sobre as mesmas. Na atualidade, as mudanças ocorrem rapidamente, da mesma maneira que novos usuários adentram a rede, quase que sem controle. Essa nova apresentação de utilização de tecnologia tem o diferencial de corpo não presente, assim como cartas e telegramas, porém, com impacto, aceitação e utilização bem maiores.

É difícil precisar o número de usuários da rede mundial de computadores, devido ao crescimento contínuo e difícil de mensurar. Diversos sites e institutos de pesquisa apresentam índices variáveis, não havendo contagem oficial. Os números variam de 400 milhões a 1 bilhão de usuários no mundo.

Por meio do computador pessoas fazem amizades, reencontram antigos amigos e estabelecem laços afetivos. Este meio de comunicação já provou ter se estabelecido como uma nova opção aos usuários da rede, gerando inclusive problemas psicológicos, já citados por vários autores<sup>6, 7</sup>.

Rebello e colaboradores<sup>8</sup>, ao analisarem a produção acadêmica sobre prevenção de AIDS para homens jovens, concluem que se deve levar em conta o modelo hegemônico de masculinidade e não apenas uma variável epidemiológica. Esses autores afirmam ainda que os contextos sócio culturais são necessários para planejamento e implementação de campanhas. Logo, pensando nesse jovem sócio-virtual, e tentando reduzir sua vulnerabilidade, se faz necessário o conhecimento deste mundo virtual que engloba hoje o seu real.

Leobon e colaboradores<sup>9</sup> realizaram uma pesquisa epidemiológica em *sites* com o mesmo tipo de conteúdo, visando criar modelos de comportamentos *online* para soropositivos e soronegativos. Após várias análises, os mencionados autores sugerem que o aventurismo proporcionado por este tipo de relação pode

ampliar as possibilidades de contaminação, o que nos traz um alerta para este espaço virtual em saúde pública.

Blas e colaboradores<sup>10</sup> utilizaram a metodologia de vídeos *online* para incentivar testagem de soro positividade. O estudo mostrou que o uso destes vídeos em sites aumentam as possibilidades de testagem para HIV, especialmente dentre aqueles que não se identificam com categorias pré-determinadas de sexualidade (homossexuais, bissexuais, homens que fazem sexo com homens, etc.). Esta terminologia Homens que fazem sexo com homens - HSH<sup>9, 10, 11, 12</sup> - é bastante utilizada na literatura estrangeira para incluir aqueles que praticam sexo com pessoas do mesmo sexo mas não se identificam ou se assumem com posturas homossexuais ou bissexuais. Klein<sup>11</sup> pesquisou especificamente os usuários deste tipo de sites, que buscam sexo, e seus riscos envolvidos, e cita estes como uma das prováveis explicações para o aumento do número de casos de soropositividade entre homossexuais.

Chongi e colaboradores<sup>12</sup> em estudo recente ressaltam a importância das intervenções nas mídias sociais, especificamente para a realização dos exames de DST/AIDS e afirmam a necessidade de campanhas multimidiáticas para que todos sejam atingidos, bem como se pesquisar novas formas de avaliação e instrumentos neste campo. É preciso, então, conhecer essa parcela da população em sua nova apresentação.

É possível perceber que o Ministério da Saúde tem pouco investimento em campanhas virtuais recentes. A virtualidade é utilizada como meio de propagação das campanhas a serem ou já realizadas, mas não como forma de se ter acesso ao público alvo. Exemplo disso é o vídeo que resume a atuação do Ministério em 2011<sup>13</sup>. O material<sup>14</sup>, disponibilizado para campanha no carnaval de 2012, não continha material específico para o público jovem. Nos Estados Unidos da América, uma recente campanha obteve grande êxito ao usar celebridades no mundo virtual. O Sacrifício da Vida Digital<sup>15</sup>, nome dado a campanha, contou com a participação de diversas celebridades para doações para uma instituição específica. O Ministério da Saúde chega a disponibilizar alguns vídeos no *Youtube* de suas campanhas, mas alguns críticos<sup>16</sup> dos movimentos sociais

classificam este ato como retrocesso, especialmente naquelas campanhas voltadas para o público homossexual.

Apesar de os jovens serem o público-alvo das campanhas recentes do Ministério da Saúde, os últimos relatórios<sup>17</sup> apontam um aumento de 34% de casos de AIDS entre a população masculina jovem. Entretanto existem apenas poucas ações que se limitam a algumas celebridades e vídeos isolados, sem entender o comportamento virtual desse público específico. O virtual tem nuances que o distinguem do real e a forma de atingir ao público específico necessita ser melhor estudada. Entendendo seu comportamento virtual, poderemos estabelecer melhores formas de contato. Informação apenas não gera mudança de comportamento, sendo necessário que entendamos seu comportamento sexual online para que as campanhas possam ser mais eficazes.

Um dos grandes desafios hoje é fazer com que a mensagem chegue aos seus grupos específicos. Devemos repensar como queremos que a mensagem chegue a esses jovens. Apenas entendendo seu comportamento *online* isso será possível<sup>18</sup>.

Algumas ações isoladas, não oficiais, já começam a utilizar as redes para difundir informações, contando apenas com mobilização online financiada por empresas.

O interesse pela temática também se dá devido ao fato do pesquisador deste trabalho ter mais de 15 anos de experiência com a temática cibercultura e com trabalhos realizados e publicados sobre aspectos psicológicos deste tipo de interação, desde dependência *online*, sexo virtual, fetiche na rede até relações sociais estabelecidas por redes. A partir dessa experiência, pretendeu-se unir conhecimentos de cibercultura e saúde pública, tornando esse novo espaço virtual um importante local de atuação de profissionais de saúde interessados na prevenção da AIDS.

## 1.2 - Marco teórico

### 1.2.1 – Corpo Masculino

Como conceito de corpo, corroboramos aqui com Pimenta e colaboradores<sup>19</sup>, que afirmam que através dele nos comunicamos e nos fazemos presentes. Vivenciamos várias experiências em relação ao próprio corpo, ao mundo e à cultura, mas ele é uma obra incompleta, cheia de possibilidades, sendo transformada através da história.

Historicamente o corpo perpassa pela construção do sujeito, um conjunto biológico médico que sustenta um ser, até um representante de ideais e valores culturais<sup>1</sup>. Muito se atribuiu ao corpo ao longo da história e através dele (corpo) podemos entender diversos momentos da civilização ocidental. Este corpo é objeto que pertence ao sujeito, também ao social, e às vezes ao Estado<sup>4</sup>. Corpo fonte de desejo, angústias, representações sociais e até mecanizado, culminando com sua digitalização em pixels. Palco de diversos conflitos pessoais, sociais e culturais, reflete uma época e uma ideologia dominante em cada período da história da humanidade<sup>4</sup>.

A visão do corpo na história se modifica, e a relação corpo/imagem acompanha essas mudanças, desde a vivência do corpo como meio de ações até a explosão de sentidos. Como propõe Sennett et al (1994)<sup>4</sup> de um lado o corpo como um dado natural, e do outro um corpo totalmente moldável e controlável, que nos apresenta esse como “pluralidade una”, a mercê dos fatores interiores e exteriores, da natureza e cultura, do individual e social.

No século XX, o corpo surge desmembrado e “existente”. A partir de estudos, como o da Psicanálise Freudiana, o corpo ganha papel fundamental na constituição de sujeito, trazendo o conceito de “eu pele”. Courtine<sup>20</sup> afirma que em Husserl o corpo é apresentado como berço original e para Maurice Merleau-Ponty como sua encarnação da consciência.

Chegando até Mauss, assim o corpo passou de participante de construção inconsciente, constituinte do sujeito e reflexo de formas sociais e culturais. A

quem pertence esse corpo? Este se transforma em um ponto crucial nos debates históricos sociais e passa a representar não somente o gênero, mas também classes<sup>20</sup>. Um caminho sem volta. Rebelo et al<sup>8</sup> afirmam que o corpo sempre foi objeto de exploração da sociedade ao longo do tempo mas, diferente da época dos grandes filósofos, o corpo hoje parece estar em uma posição secundária no pensamento ocidental.

Descrever esse corpo e seus significados não é tarefa fácil. Buscou-se não apenas o conceito em si, mas também questões morais, por exemplo: quando um historiador descreve uma batalha, os usuários querem saber também se era realmente necessária, se trouxe algum benefício. As representações da sociedade só existem se alguém tiver interesse e usá-las<sup>1</sup>.

Historicamente nunca se pensou tanto sobre o corpo e suas possíveis interpretações, principalmente pelas grandes mudanças e possibilidades que as novas tecnologias e mídias digitais trouxeram para estes, na forma de uma re-contextualização social<sup>27</sup>.

Neste estudo o corpo foi entendido em sua transposição do real para o virtual, na forma de imagem representativa. Como se posiciona Le Breton<sup>21</sup>, seguindo para o mundo virtual, o cibercorpo transcende o físico, se perde dentro de si mesmo, em um labirinto em que ele próprio definirá as direções em que deverá seguir.

O corpo masculino passou por diversas representações ao longo da história, com diferentes atribuições de significados. Os padrões estéticos se modificaram de acordo com cada cultura vigente. Roiz<sup>22</sup> cita a idade média como um dos períodos iniciais do endeusamento do corpo masculino, porém com uma visão religiosa. Beiras e colaboradores<sup>23</sup> mencionam as histórias em quadrinhos, assim como a mídia, como propagadores de um corpo masculino viril, musculoso, indicando virilidade no imaginário juvenil.

Boris<sup>24</sup> trabalha com gêneros, mas faz menção ao masculino relacionado ao corpo, que no senso comum é visto como forte, que lhe impõe desde hábitos de vida até padrões estéticos. Gomes e colaboradores<sup>25</sup> destacam a percepção

social de masculino como resistente. Corroborando com esta idéia, Schraiber e colaboradores<sup>26</sup> identificam as questões de sentido de saúde dado a este corpo, traduzido muitas vezes na prática de fisiculturismo.

Le Breton<sup>21</sup> afirma que o corpo muda de figura e passa a ser visto hoje como transmissor de mensagens e informação, que resultarão na aquisição de conhecimento. O corpo também ganha uma conotação de sexualidade e desejo, mas este trajeto não foi curto<sup>27</sup>. Ele (o corpo) é mecanismo constante de ação de uma política de desejo<sup>28</sup>. O erotismo é retratado como um momento único, em que a nudez, à medida que se acentua, representa uma exploração no corpo alheio, mas, com recursos tecnológicos, a presença deixa de ser essencial; através da fantasia, o corpo fica para trás para dar asas à imaginação daquele que procura pela satisfação sexual, tornando a máquina preferencial<sup>21</sup>. Esse objeto modificado é visto como cartão de visitas, o julgamento do sujeito será baseado no corpo, o sujeito então, sempre o modelará de acordo com suas necessidades, visto como fonte de aquisição, material ou emocional<sup>21</sup>.

Le Breton<sup>21</sup> é especialista e referência no estudo do corpo e afirma que o corpo pleno seria um alvo da contemporaneidade. O corpo deixaria de ser principal e seria considerado apenas um acessório, sem valor relevante.

### **1.2.2 – Cibercultura**

A Internet cria um novo vocabulário: o virtual. O mundo do ciberespaço passa então a ser conhecido como virtual, que é definido como algo em que a existência é simulada com programas de computador ao invés de existir fisicamente, concretamente. Assim, no virtual é possível se colocar diretamente em debates sobre determinados assuntos e trocar conhecimentos com outros indivíduos que possuam os mesmos interesses. Esta facilidade de interação proporcionada pode acabar por seduzir este indivíduo através da escrita<sup>29, 30</sup>

Esse mundo virtual tem uma relação com o real. Aquele é parte integrante deste, mas não é concreto<sup>31</sup>, apesar de criar uma rede onde os sujeitos podem se movimentar<sup>32</sup>. Com esta nova forma de comunicação e interação, surgiu então a Cibercultura. Esse termo por si só já traz um complexo de significados

entrelaçados, uma vez que une a cultura, sociedade, formas de relações e novas tecnologias<sup>33</sup>.

A chamada cultura cibernética e esse espaço por ela criado, ciberespaço, apenas mudou a forma de relacionamento entre as pessoas, não criando isolamentos como fora previsto. Ciberespaço e comunidades virtuais são conceitos que emergiram com o avanço da tecnologia, em que a comunicação é mediada por computadores. A separação ou confusão entre o real e virtual já suscitou diversas discussões sobre o que seria este corpo no ciberespaço. Muitos pesquisadores acreditam que este mundo virtual causaria alienação do indivíduo, da mesma maneira que se acreditava há 50 anos que a televisão causaria o fim da vida social<sup>6</sup>. Há também, os que acreditam que nos dias de hoje, há certa dificuldade em separar o homem da máquina<sup>34</sup>.

Há séculos que cientistas das áreas sociais se dedicam ao estudo das relações/interações sociais e/ou sociedades/comunidades. Atualmente existe um novo campo de estudos em se que procura distinguir e separar o que é real do que é virtual, estudando o fenômeno chamado de encorporamento (embodiment), no qual a relação entre o corpo virtual e o real é analisada<sup>35</sup>.

Muitas pesquisas já foram realizadas sobre a liberdade de criação de uma nova persona enquanto online<sup>36,37</sup> especificamente se tratando de bate-papo ou troca de e-mails. A inexistência, até então, de regras e normas sociais proporcionava, e ainda proporciona, aos usuários desses programas, certa liberdade e oportunidade e de uma certa forma, uma perda da identidade e enfraquecimento consequencial das normas sociais associadas a grupos<sup>38</sup>.

Há nesse chamado ciberespaço uma feira de identidades. Nesta, a identidade deste indivíduo é absorvida na rede criando novas personalidades onde o eu passa a ser sentido como fora do contexto real, especificado como um conflito psicológico<sup>39</sup>. Essa anonimidade da rede criou o que Feenberg<sup>40</sup> chamou de "*spectrality*", quando a interação entre dois indivíduos é reduzida somente ao anonimato no mundo social virtual, o que os possibilita assumirem diversas identidades.

O mundo cibernético engloba o real e o fantasioso, livre dos nossos corpos, entramos em contato com seres que estão distantes. O corpo viaja, transcende o plano físico; dá uma chance a pessoas que têm deficiências, de percorrer esse mundo de maneira plena, sem preocupação com barreiras físicas. Dá-se vazão aos sentimentos, positivos e negativos, sensações que vivemos na realidade. O contato com esse mundo permite brincar com a identidade, pode-se assumir inúmeros papéis sem fiscalização ou preocupação alguma; definitivamente ou temporariamente. Dá-se asas aos outros eus que existem dentro de nós, que não temos a oportunidade ou confiança para mostrar no mundo real. Essa ausência de responsabilidade pode ser comparada a um sonho, movido apenas pelos desejos. Distâncias somem ao entrarmos em contato com outros países, culturas e pessoas; criamos vínculos mais fortes que os reais, vínculos baseados no mistério, sem nos importarmos com o sexo ou o pseudônimo que os internautas usam. Esse mundo pode ser comparado à droga, pelo vício que pode provocar a quem o busca como fonte de felicidade e conforto e contraste com as incomodações da vida cotidiana. Esse espaço cibernético também tem sua própria linguagem, com muitos termos provenientes da virologia, medicina ou farmácia devido ao uso da biologia dentro de sua estruturação, juntamente com a informática. Nesse mundo virtual há um endeusamento da máquina, que passa a ser prioridade dos humanos, motivados pelo desejo de fusão com ela, deixando em segundo plano conflitos da sociedade real. Ainda ocorre uma tendência do homem, por não ser suficiente sozinho, de se misturar com a informática<sup>21</sup>.

Levy<sup>41</sup> é um dos pioneiros em chamar essa nova forma de comunicação de cibercultura, simbolizando toda uma nova geração, antes representada por movimentos sociais presenciais, agora representada via tecnologias. Assim como toda cultura e sociedade, também a considera excludente, por exigir aparelhagens que tem um valor agregado. Esta concepção<sup>41</sup> tem se modificado ao longo dos anos, graças a inclusão digital e barateamento dos equipamentos de informática. Apesar dessa fusão global de mundo, Levy<sup>42</sup> é otimista em propor que as individualidades possam ser mantidas.

Lemos<sup>42</sup> relata que com a evolução da tecnologia novos termos foram incorporados à nossa cultura, entre eles cyberpunk, ciberocracia e cibercultura,

sendo esse último um espectro de fenômenos relacionados a um espaço não físico presencial, especificamente mediado por computadores. Hoje podemos abranger essa definição como aqueles mediados por todas as tecnologias conectadas a essa rede, destacando também os sistemas de *smartphones*.

Cibercultura é um termo então, que abrange os fenômenos relacionados ao ciberespaço, ou seja, aqui entendidos como os fenômenos associados às formas de comunicação mediadas por computadores. Entretanto, o conjunto de objetos abrangidos pelo conceito é mais amplo. Levy<sup>41</sup> afirma que para se entender a cibercultura, antes se passa pelo conceito de virtualidade como representante simbólico do real.

Chandler<sup>43</sup> em seus estudos sobre semiótica traz importantes contribuições, questionando o quanto as tecnologias alteram as condições sociais. Segundo a visão tecnológica determinista, as tecnologias seriam determinantes e antecedentes obrigatórios em mudanças sociais, visto que especificamente as tecnologias de comunicação, desde o tempo das cartas até a revolução dos computadores, trouxeram mudanças sociais. Apesar disso, refuta qualquer tipo de determinismo e propõe uma ação de interferência mútua, onde influencia e é influenciada ao mesmo tempo.

As experiências virtuais trazem novas possibilidades de expansão das articulações sobre as representações do corpo. Mesmo sendo provisórias, inacabadas ou apenas parciais, o espaço cibernético se torna a morada de um novo corpo, dessa vez, tecnológico. Com a valorização estética nesses ambientes, temos uma hegemonia de valorização de imagens e representações de corpo, recheada de valores. A cibercultura remove as tradicionais regularidades de análises e permite um encantamento virtual por aquilo que é apenas representado por uma imagem. Esse corpo deslocado se torna então a única estratégia discursiva nessa interação. Ver e interagir com um “corpo” a partir de sua imagem proporciona uma desconstrução conceitual, diluição das perspectivas, onde a pele se transforma em pixels. Abrem assim espaço para a imaginação e o virtual permite ultrapassar fronteiras e limites impostos pela realidade<sup>28</sup>.

O amor pelo humano, sem artefatos e diferenciais, torna-se mais irrelevante quando a máquina absorve suas características, traz aperfeiçoamentos e estabelece uma identidade própria capaz de encantar o sujeito, que procura a perfeição além das barreiras do físico. A sedução se enobrece ao descartar o contato físico, e o desejo só será considerado quando o corpo, temporário e mortal, já tiver sido deixado para trás. No sexo virtual encontramos um leque de possibilidades para a imaginação fluir; vivendo suas fantasias, interpretando papéis, brincando de troca de identidade e de gênero, que passa a ser apenas mental, dando lugar ao texto; repleto de metáforas. Nessas relações alguns conflitos podem ocorrer e a curiosidade em conhecer um resquício deste corpo oculto aparecerá. Adultérios virtuais são passíveis de acontecer. A atmosférica cibernética se desenvolverá a exemplo do mouse e do teclado que herdarão a capacidade de receber estímulos vindos do corpo do sujeito, mas no futuro o corpo se livrará do toque na máquina através do toque em si mesmo, provocando as mesmas sensações no companheiro virtual, além de um possível estoque de fantasias e parceiros fictícios para várias ocasiões, o corpo perde cada vez mais sua importância; perderá a sexualidade e estará livre das doenças. A interação virtual será cada vez mais próxima do mundo real<sup>21</sup>

### **1.2.3 – Prevenção da AIDS**

A conceituação de prevenção passa por representações sociais, especialmente sobre o risco. Alves<sup>44</sup> em seu trabalho com homens rurais destaca a ambiguidade que este termo gera e, conseqüentemente, a vulnerabilidade desses sujeitos, uma vez que o uso ou não de preservativos, ou a prevenção, está associada a julgamentos destes sobre a parceira, além de possíveis aspectos negativos associados ao preservativo.

Silva<sup>45</sup>, ao pesquisar estratégias de prevenção para homens casados, identificou uma relação de significado do termo com fidelidade, conhecimento da parceira e o mundo interno do casamento, supostamente protegido. Apenas a relação extraconjugal estaria em risco e necessitaria de prevenção. Feliciano<sup>46</sup>,

ao trabalhar com jovens, destaca esse aspecto simbólico da prevenção, como construção coletiva. Ressalta ainda que as campanhas iniciais de prevenção tinham como público alvo outros tipos de relações sexuais. Essas concepções só corroboram a afirmação de Madureira e colaboradores<sup>47</sup> de que a terminologia prevenção ainda está muito atrelada a mitos e crenças pessoais e coletivas, não necessariamente ao acesso à informação.

Ferrari<sup>48</sup> faz um resgate histórico sobre a prevenção dentro dos movimentos gays, atrelando o valor educativo que o termo sugere. Assim como Sodelli<sup>49</sup> que relata a história das políticas públicas de prevenção a DST/AIDS, passando por diversas fases, desde a disseminação de preconceitos (homossexuais e profissionais do sexo), o modelo de prevenção de repasse de conhecimento (educacional), um período imperativo de medo (a doença que mata) até um modelo preventivo mais atual, que engloba diversas linhas de pensamento, incluindo a redução de danos.

A prevenção ganha então, diversos aspectos e formatos, desde a prevenção por pares, socioeducativas, nas comunidades, até todas as formas propostas pelo Manual de Prevenção a DST/AIDS em Comunidades Populares<sup>50</sup> do Ministério da Saúde que incluem “*escutas com confiança*”, feitas através da informalidade, sem julgamentos. O manual ainda traz reflexões sobre as questões de vulnerabilidade, termo tão utilizado em planejamento e saúde, especificamente quando o assunto é DST/AIDS, aqui em um sentido mais amplo, não reduzido a uma estereotipação, sub-tipificando em três modalidades: programática, individual e social. A primeira relativa a acesso aos serviços de saúde, a segunda relativa ao sujeito exposto ao risco e os fatores que influenciam esse determinante, tais como crenças e valores; e a terceira (social) direcionada aos determinantes sociais dos agravos à saúde. Ao trabalharmos com prevenção em um ambiente virtualizado, temos aspectos referentes à vulnerabilidade individual e social, uma vez que todos se tornam iguais em um meio de acesso universalizado como os sites para encontro de parceiros. O manual ainda propõe que ações que visem o controle ou redução da epidemia, buscando a prevenção, devem conter ações combinadas em âmbitos de vulnerabilidade.

### 1.3 - Detalhamento metodológico

A pesquisa foi de natureza qualitativa, visando conhecer e interpretar uma realidade<sup>51, 52</sup> e focalizando os fenômenos e suas consequências interacionais. O referencial teórico-analítico foi a perspectiva hermenêutica-dialética, avançando tanto na compreensão dos sentidos subjacentes aos depoimentos, como na problematização dos resultados encontrados por meio dessa compreensão<sup>53</sup>.

Inicialmente foi necessária a realização de pesquisa bibliográfica descrevendo a relação existente entre a cibercultura e a saúde pública, cenário onde foi desenvolvida a pesquisa de campo. Os principais autores e estudos foram analisados, resultando em artigo aceito para publicação e constante no capítulo 2 desta tese.

A pesquisa de campo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Nacional da Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz, sob parecer número 112.904.

O campo do estudo foi o site <http://www.disponivel.com.br><sup>54</sup>, que foi o primeiro site brasileiro para encontro virtual de homossexuais, com perfis estáticos, regionalizados, proporcionando contatos para encontros reais. Possui o maior número de usuários brasileiros (não divulgados), hospedado pelo maior provedor de internet do Brasil (Universo Online – UOL<sup>55</sup>) e com forte apelo de marketing nas "Paradas do Orgulho Gay" organizadas pelo país.

No período de 12 de outubro a 4 de dezembro de 2012, nos finais de semana, na parte noturna, esse site foi acessado e nele foram identificados usuários homens que se declaravam na faixa etária entre 18 e 24 anos, tivessem o português como primeira língua e utilizassem imagem do corpo como foto principal. Em relação a esses usuários, duas estratégias de pesquisa foram utilizadas. A primeira delas foi a coleta das informações postadas nos perfis disponíveis para o público (etapa 1), enquanto a segunda foi o envio de convite para esse usuários (etapa 2), via mensagem interna do site, explicando a natureza do estudo e informando um link externo para o termo de consentimento e esclarecido hospedado em outro site.

Em termos de etapa 1, foram coletadas informações disponíveis nos perfis declarados pelos usuários no site sobre características físicas, orientação sexual, preferências sexuais, sexo seguro, uso de drogas e álcool, dentre outras. Ao todo foram coletadas informações de 339 perfis de usuários que se encontravam nos critérios de inclusão.

Desses usuários, que foram convidados para participar da pesquisa, 55 preencheram um questionário online, sendo que 45 tiveram suas respostas aproveitadas. Os demais questionários foram descartados porque foram utilizados para testagem do instrumento.

Os usuários que aderiram ao convite foram orientados a responder às perguntas abertas disponibilizadas num formulário em um website, com as seguintes questões: (1) Quais as características que você acha que um corpo masculino deve ter? (2) Quando você escolhe, pela Internet, um parceiro para viver uma experiência de prazer, o que você leva em conta? (3) Qual são as vantagens e quais são as desvantagens de utilizar a Internet como meio de encontrar parceiros para se ter prazer sexual? (4) O que você entende por "sexo seguro"? (5) Um dos campos do perfil de usuário diz respeito a sexo seguro. Muitos usuários omitem essa informação. A omissão desta informação gera reações em você? Quais? (6) Ao escolher o parceiro e ao viver o prazer com ele, no mundo real, você toma algum cuidado para se prevenir da Aids? Qual ou quais? (7) A afirmação no perfil de que não pratica sexo seguro influencia a sua escolha de parceiro? (8) O que você recomendaria para um jovem que busca um parceiro sexual por meio da Internet?

O formulário foi elaborado com base nos interesses da pesquisa, visando uma aproximação maior com um modelo de entrevista. Esse questionário foi formatado em linguagem de programação *PHP*, que permite maior interação e facilidade de recebimento dos resultados, visto que *PHP* é uma linguagem de *script* no lado do servidor (*server-side*) embutida no *HTML*. Foi utilizado o serviço de site hospedeiro de pesquisas (em inglês *web based survey*). Estes sites possuem um banco de dados *MySQL* onde toda informação fica armazenada, criptografada e parcialmente tabulada (para perguntas fechadas). O *MySQL* é um sistema de gerenciamento de banco de dados relacional (*relational database management system - RDBMS*). Um banco de dados permite armazenar,

pesquisar, classificar e recuperar dados eficientemente. O servidor de *MySQL* controla o acesso aos dados para assegurar que múltiplos usuários possam trabalhar com os dados (responder) ao mesmo tempo, fornecer acesso rápido aos dados. Ele utiliza a *SQL (Structured Query Language)*, a linguagem de consulta padrão de banco de dados.<sup>56</sup>

Um exemplo bastante utilizado neste tipo de pesquisa é o *site* <http://freeonlinesurveys.com>. Ressalta-se que as regras internacionais de Etiqueta na Internet (Netiqueta) foram respeitadas, bem como as normas e regras anti *SPAM*. Para cumprir determinação do RE196/1996 (atual 466/2012 de 12/12/2012) do CONEP, todos os participantes assinaram digitalmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento na primeira página, antes de terem acesso ao formulário.

As informações recolhidas através dos questionários foram trabalhadas via análise qualitativa dos dados, utilizando o método de interpretação dos sentidos<sup>88</sup>. O banco de dados *MySql* foi transformado em um arquivo para *Excel(Microsoft)* e este transformado para arquivo *Numbers* (plataforma *IOS Mac*) para análise e tabulação. Dentro do relatório de respostas cada usuário possuía seu endereço de IP (*Internet Protocol*) que é o meio de melhor identificação do usuário utilizado nos dias de hoje

Em relação às informações dos perfis (Etapa 1), devido à natureza da pesquisa, não houve preocupação em utilizar medidas estatísticas inferenciais. Assim, as informações foram trabalhadas por meio de frequências simples e percentuais com a finalidade de fornecer contexto para melhor situar os dados qualitativos.

Quanto às respostas coletas via questionário eletrônico (Etapa 2), as informações foram trabalhadas via análise qualitativa dos dados, utilizando o método de interpretação dos sentidos<sup>53</sup> através da busca de uma lógica interna das respostas, sempre situando num contexto de sua produção. O método consiste em identificar os sentidos, agrupá-los e realizar sínteses interpretativas, ao mesmo tempo interpretando e estabelecendo relações com questões culturais atribuídas a esses sentidos.

## Referências

1. Becker H S. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; Karina Kuschnir . Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Ed.: 2009.
2. Cuenca A M B; Tanaka A C A. *Influência da internet na comunidade acadêmico-científica da área de saúde pública*. Rev. Saúde Pública [periódico na Internet]. 2005 [acessado 2011 dez 12];39(5):840-6. Disponível em: <http://www.fsp.usp.br/rsp>
3. Castro R C F. *Impacto da Internet no fluxo da comunicação científica em saúde*. Rev Saúde Pública;40( N Esp):57-63, 2006
4. Sennett Richard. *Carne e Pedra – O corpo e a Cidade Na Civilização Ocidental*. São Paulo (SP): Editora Bestbolso, 1994.
5. Ely V; Turkienicz B; Gontijo L. *Integração das diretrizes energéticas no processo de concepção arquitetônica*. In: Del Rio V; Duarte C; Rheingantz P A (Org.). Projeto do lugar - colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro (RJ): 2002. [acessado 2005 jul 16] Disponível em: [http://www.iabsp.org.br/ref\\_metodologicas\\_eficiencia\\_energetica\\_edificacoes.pdf](http://www.iabsp.org.br/ref_metodologicas_eficiencia_energetica_edificacoes.pdf)
6. Prado O Z. *Pesquisa Internet e Comportamento - Um estudo exploratório sobre a utilização de questionário on-line para a pesquisa e sua divulgação*. In: I Seminário Nacional de Psicologia e Informática. São Paulo (SP): 1998.
7. Young Kimberly. *Caught in the Net: How to recognize the signs of the Internet addiction*. New York(USA): John Wiley & Sons, 1998.
8. Rebelo L. E. F. de S; Gomes R; Souza, A. C. B. de. *Homens e a prevenção da aids: análise da produção do conhecimento da área da saúde*. Interface (Botucatu) vol.15 no.36 Botucatu Jan./Mar. 2011 Epub Dec 17, 2010.

9. Leobon A; Velter A; Engler K; Drouin MC; Otis J. *A relative profile of HIV-negative users of French websites for men seeking men and predictors of their regular risk taking: a comparison with HIV-positive users*. *AIDS Care*; 23(1): 25-34, Jan 2011.
10. Blas M. M; Alva I. E; Carcamo C. P; Cabello R; Goodreau S. M; Kimball A. M; Kurth A. E. *Effect of an Online Video-Based Intervention to Increase HIV Testing in Men Who Have Sex with Men in Peru*. *PLoS One*. 5(5): e10448. 2010.
11. Klein H. *HIV risk practices sought by men who have sex with other men, and who use internet websites to identify potential sexual partners*. *Sex Health*; 5(3): 243-50, set 2008.
12. Chongyi W; Herrick A; Fisher R H; Anglemyer A; Gerbase A; Noar S. M. *Social Marketing Interventions to Increase HVI/STI Testing Uptake Among Men Who Have Sex with Men and Male-to-Female Transgender Women*. *Cochrane Database of Systematic Reviews*. In: *The Cochrane Library*, v 08, Art. No. CD009337. DOI: 10.1002/14651858.CD009337.pub9
13. Vídeo Cobertura Lançamento Campanha de Carnaval 2011 [Internet]. [acessado 2012 set 04]; Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=B8oDsGUo1aY>
14. *Portal da Saúde* [Internet]. [acessado 2012 set 04]; Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/>
15. *Dst-Aids e Hepatites Virais* [Internet]. [acessado 2012 set 04]; Disponível em: <http://www.aids.gov.br/noticia/famosos-ressuscitam-na-internet-apos-sucesso-de-campanha>

16. *Saúde* [Internet]. [acessado 2012 set 04]; Disponível em: <http://saude.ig.com.br/minhasaude/2012-07-25/governo-perde-ousadia-e-retrocede-nas-campanhas-anti-hiv-dizem-ativistas.html>
17. *Campanha Aids Carnaval 2012* [Internet]. [acessado 2012 set 04]; Disponível em: <http://bibliotecamedicinauff.blogspot.com.br/2012/02/campanha-aids-carnaval-2012.html>
18. *Saúde e Aids* [Internet]. [acessado 2012 set 04]; Disponível em: <http://saudaids.blogspot.com.br/2011/11/acoes-on-line-marcam-campanha.html>
19. Pimenta M; Velloso, J R; Oliveira C. *Corpo – Identidades, Memórias e Subjetividades*. Rio de Janeiro(RJ): Mauad X, 2009.
20. Courtine, J.J. *História e Antropologia Culturais da Deformidade*. In: Courtine, J.J. *História do Corpo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006
21. LeBreton, D. *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. Campinas (SP): Papyrus Editora, 1999.
22. Roiz, D S. *A história do corpo feminino e masculino no ocidente medieval*. Cad. Pagu [periódico na Internet]. 2009 [acessado 2002 dez 11] July/Dec. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332009000200018&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332009000200018&script=sci_arttext)
23. Beiras, A; Lodetti, A; Cabral, A G; Toneli, M J F; Raimundo, P. *Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma*. *Psicologia & Sociedade* [periódico na Internet]. 2007 [acessado 2012 jan 20] 19 (3): 62-67. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n3/a10v19n3.pdf>
24. Boris D G J B; Cesídio M J. *Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade*. *Rev. Mal-Estar Subj* [periódico na Internet]. 2007 [acessado 2012 jan 20] 7 (52). Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482007000200012&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482007000200012&script=sci_arttext)

25. Gomes R; Nascimento E F. *A produção do conhecimento da saúde pública sobre a relação homem-saúde: uma revisão bibliográfica*. Cad. Saúde Pública [periódico na Internet]. 2007 [acessado 2012 jan 20] 22 (5): 901-911. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n5/03.pdf>

26. Schraiber, L B. Gomes, R; Couto M T. *Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva*. Ciência & Saúde Coletiva [periódico na Internet]. 2005 [acessado 2012 jan 20] 10(1):7-17. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a02v10n1.pdf>

27. Sohn, AM. *O Corpo Sexuado*. In: Courtine, Jean Jaques. História do Corpo. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2006.

28. Garcia, W. *Corpo, Mídia e Representação – estudos contemporaneos*. São Paulo (SP): Câmara Brasileira do Livro, 2005.

29. Hiltz S. R. *Constructing and Evaluating the Virtual Classroom*. London: Wheatsheaf/Harvester, 1992.

30. Roco G; Antan J. L; Palacios J. *Comunicaciones – Grupos 7 + 17 Corporalidad, Virtualidad, Hibridacion y Simulacro – Internet y Vida Cotidiana*, 2004. Disponível em: <<http://cibersociedad.rediris.es/congreso/cos.htm>> Acesso em: 12 fev. 2004.

31. Carvalho P. R. *Psicologia*, 1999. Disponível em: <[www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/resumov1n23.htm](http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/resumov1n23.htm)> Acesso em: 28 ago. 2004.

32. Campbell H. *Community.dot.com*, 2000. Disponível em: <<http://www.yjb97.dial.pipex.com/events/cag00/papers/campbell.htm>> Acesso em: 08 ago. 2004.
33. Lemos A. *Olhares sobre a Cibercultura*. POA: Sulina, 2003; Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos> >. Acesso: em 10 abr 2005.
34. Lemos A. *Bodynet e Netcyborgs: Sociabilidade e Novas Tecnologias na Cultura Contemporânea*, 2000. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos> >. Acesso em: 10 abr 2005.
35. Kiesler S; Siegel J; McGuire T. *Social Psychological Aspects of Computer-mediated Communication*. in *American Psychologist*, Outubro 1994, Vol. 39 No. 10, p. 125.
36. Honorato E. *Sexo virtual*. CEULM-ULBRA. Manaus, 1999.
37. Rosso L. *O Baile de Máscaras Do Século XXI - Estudo sobre a influência da Comunicação Mediada por Computador no Comportamento do Usuário*, 2003. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/>> Acesso em: 15 abr 2005.
38. Spears R; Lea M. *Social influence and the influence of the 'social' in computer-mediated communication*. London: Wheatsheaf/Harvester, 1992.
39. Parks M. R; Floyd K. *Making friends in cyberspace*, 1996. Disponível em: <<http://www.scm.org>> Acesso em: dec. 2002.
40. Fernebeck. *Moving Beyond Community In Cyberspace: A Theoretical Consideration Of Communal Interaction In Virtual Worlds*, 2004. Disponível em <[ww.economs.com](http://www.economs.com)> Acesso em: 10 set. 2004
41. Levy, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo (SP): Ed. 34. 1999.

42. Lemos, A. *As estruturas antropológicas do ciberespaço*. Salvador: texto produzido para os seminários do grupo Cyberpesquisa/Facom-UFBA, 1996. [acessado 2012 jan 20] Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/estrcy1.html>

43. Chandler D. *Technological or Media Determinism - Technological or Media Determinism* . 1996. [acessado 2012 jan 20] Disponível em: <http://users.aber.ac.uk/dgc/Documents/tecdet/tdet01.html>

44. Alves, MFP. *Sexualidade e prevenção de DST/AIDS: representações sociais de homens rurais de um município da zona da mata pernambucana*. Cad. Saúde Pública [periódico na Internet]. 2003 [acessado 2012 jan 20] 19 (2). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2003000800024](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000800024)

45. Silva, C G M. *O significado de fidelidade e as estratégias para prevenção da Aids entre homens casados*. Rev Saúde Pub. [periódico na Internet]. 2002 [acessado 2012 jan 20] 36 (4): 40-49. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v36n4s0/11162.pdf>

46. Feliciano K V O. *Prevenção da AIDS entre os jovens: significados das práticas e os desafios à técnica*. Rev. Bras. Saúde Mater. Infant [periódico na Internet]. 2005 [acessado 2012 jan 20] 5(4):429- 438. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v5n4/27761.pdf>

47. Madureira V S F; Trentini M. *Da utilização do preservativo masculino à prevenção de DST/AIDS*. Cien Saude Colet [periódico na Internet]. 2008 [acessado 2012 jan 20] 13(6):1807-1816. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232008000600015&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000600015&lng=pt)

48. Ferrari, A. *Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo*. Rev. Bras. Educ. [periódico na Internet]. 2004 [acessado

2012 jan 20] 25: 105:115. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a09.pdf>

49. Sodelli, M. *Escola e AIDS : Um olhar para o sentido do trabalho do professor na prevenção à AIDS*. Tese de Mestrado PUC/SP, 1999.

50. *Manual de Prevenção a DST/Aids em Comunidades Populares*. 2008 [acessado 2012 jan] Ministério da Saúde. Disponível em:  
[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual\\_prevencao\\_hiv\\_aids\\_comunidades.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_prevencao_hiv_aids_comunidades.pdf)

51. Malhotra, N K. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 3.ed. Porto Alegre (POA): Bookman, 2003.

52. Queiroz, M. *Pesquisa Qualitativa*. Disponível em  
<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v8n3/v8n3a13.pdf>> Acesso em: 18 ago. 2013

53. Gomes R. *Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa*. In: Minayo MCS, organizadora. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

54. Disponivel.com Disponível em <[www.disponivel.com](http://www.disponivel.com)> Acesso em: 08 jun. 2010

55. Universo Online. Disponível em <[www.uol.com.br](http://www.uol.com.br)> Acesso em: 08 jun. 2010

56. Welling L; Thomson L. *PHP e MySQL: desenvolvimento web*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

## Capítulo 2 - Artigos

### 2.1 - A interface entre Saúde Pública e Cibercultura

Disponível em:

<[http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo\\_int.php?id\\_artigo=1209](http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo_int.php?id_artigo=1209)>

Previsão de publicação: volume 19 número 2 em fevereiro de 2014

Eduardo Jorge Sant Ana Honorato

Faculdade Martha Falcão e Instituto Fernandes Figueira - IFF- Fiocruz

#### Resumo

Este artigo, de caráter opinativo, propõe uma reflexão sobre como está a relação entre a cibercultura e a saúde pública e sua utilização como meio de pesquisa, e não apenas como instrumento. Cibercultura seria então uma nova forma de relação entre sujeitos. É justamente “através” e “pelas” relações sociais que os indivíduos adquirem habilidades técnicas e comunicação. Mudam-se as formas relacionais, os meios, mas os fins permanecem os mesmos: o de estarem em contato com outros humanos. Nas últimas décadas, com o advento do computador, Internet e todo aparato tecnológico, as relações humanas se veem intermediadas por estes, o que caracteriza algo atual, denominado de cibercultura. Esta hoje influencia todas as áreas de atuação e a saúde pública não pode ficar de fora, entendendo esta e seus benefícios para seu desenvolvimento. Precisamos estar atentos a essas mudanças e trazê-las do plano teórico para o plano prático, implementando não somente políticas públicas de saúde que levem em conta o sócio-virtual, mas também, enquanto profissionais, nos atualizarmos sobre as novas formas de comunicação, interação, metodologia de pesquisa, elaboração de instrumentos, abordagens de amostragem e todos os demais fenômenos decorrentes da cibercultura que trabalharão em parceria com a saúde pública.

Key words: cibercultura, saúde pública, pesquisa

This opinion article proposes a reflection on how the relation between cyberculture and public health and their use as a way of research, not only as an instrument. Cyberculture is a new form of relationship between people. And it's "by" and "through" social relations that individuals acquire skills and communication techniques. They move the relational forms, the means, but the purpose remains the same: to be in contact with other humans. In recent decades, with the advent of computer, Internet and all the technological apparatus, human relationships are seen brokered by them, something which characterizes current, called cyberculture. This now affects all areas of activity and public health can not be left out, understanding this and its benefits to their development. We need to be aware of these changes and bring them from the theoretical to the practical level, not only implementing public health policies but take into account the socio-virtual, but also, as professionals, to update them on new forms of communication, interaction, research methodology, preparation of instruments, sampling approaches and all other phenomena arising from the cyberculture that will work in partnership with public health.

## **Introdução**

Os dados do Suplemento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios<sup>1</sup> afirmam que *“56 milhões de pessoas de dez anos ou mais de idade acessaram a Internet pelo menos uma vez”*. Antes eram jovens estudantes, hoje se tem uma distribuição mais homogênea entre classes sociais, faixas etárias e ocupações. 86% dos entrevistados afirmam que o principal objetivo em utilizar a Internet é para comunicação com outras pessoas, o que faz dessa interação ponto central da Rede<sup>1</sup>.

As questões mais urgentes em saúde pública se fazem presentes no entendimento desse novo espaço no qual a sociedade atual está inserida. Deixamos de ser seres sociais para sermos seres sócio-virtuais. Assim como tivemos que transdisciplinar na saúde pública ao longo da história, em diversas áreas, como epidemiologia, bioestatística, humanas, sociais etc, hoje precisamos ultrapassar esse bloqueio e termos uma saúde pública que entenda as

tecnologias de informação e os sujeitos que nela interagem e que estes são os nossos usuários e foco de trabalho e pesquisas. Não podemos negar a importância que as tecnologias assumiram no cotidiano social, e deixar esse fenômeno para trás seria atrasar nossos conhecimentos sobre a realidade social na qual a saúde pública deve intervir. As tecnologias de informação deixaram ser algo exclusivo de classes sociais mais favorecidas para adentrarem no dia a dia de todos os sujeitos da atualidade. O artigo, de caráter opinativo, propõe uma reflexão sobre como está a relação entre a cibercultura e a saúde pública e sua utilização como meio de pesquisa, e não apenas como instrumento.

### **Saúde Pública e Cibercultura**

Como se posiciona Le Breton<sup>2</sup>, o corpo virtual, que transcende o físico, se perde dentro de si mesmo, num labirinto em que ele próprio definirá as direções em que deverá seguir. O mundo virtual é compreendido como parte do real<sup>2</sup> mas este ciberespaço não se caracteriza como um espaço concreto, mas místico onde participantes podem “mover-se” e criar uma nova vida, explorando este mundo de informações<sup>3</sup>. Não é algo tangível, mas um espaço não físico onde seus integrantes têm a possibilidade de movimentar-se e criar-se explorando as oportunidades oferecidas por esse novo “mundo”. Ele cria um mundo de simulação, onde às vezes a representação virtual se torna mais real do que o próprio mundo

Este mundo virtual afeta, mesmo a contragosto de muitos, a sociedade atual. A tecnologia proporciona novas formas de sociabilização. A estas novas formas e possibilidades de sociabilização se denomina cibercultura.

O ciberespaço cria então, uma “feira de identidades” onde a identidade deste indivíduo é absorvida na rede criando novas “personalidades” onde o “eu” passa a ser sentido como fora do contexto real, especificado como um conflito psicológico<sup>4</sup>. Jovens no mundo todo criam novas formas de comunicação, denominada por Levy<sup>5</sup>, de cibercultura. Esta representaria toda uma nova geração, antes representada por movimentos sociais presenciais, agora representada via tecnologias. Assim como toda cultura e sociedade, também a considera excludente, por exigir aparelhagens que tem um valor agregado. Esta

concepção de Levy<sup>5</sup> tem se modificado ao longo dos anos, graças a inclusão digital e barateamento dos equipamentos de informática.

Lemos<sup>6</sup> relata que com a evolução da tecnologia novos termos foram incorporados a nossa cultura, entre eles, Cibercultura que é um termo que abrange os fenômenos relacionados ao ciberespaço, ou seja, fenômenos associados às formas de comunicação mediadas por computadores. Entretanto, o conjunto de objetos abrangidos pelo conceito é mais amplo. Levy<sup>5</sup> afirma que para se entender a cibercultura, antes se passa pelo conceito de virtualidade.

Tem-se então um novo plano sociabilizador que pode servir como área de atuação para os profissionais de saúde pública, e não apenas como espaço para recrutamento de amostragem ou aplicação de instrumentos. Entender esse novo ambiente, suas peculiaridades se faz necessário para entender esse novo ser sócio-virtual que se apresenta, que está interagindo e construindo um novo espaço que transcende o físico para algo virtualizado, sem essa dicotomia de real x virtual, onde ambos tem o mesmo significado para essas novas gerações. A Saúde Pública não pode ignorar a existência deste fenômeno e se faz preciso entender esse comportamento atual visando a saúde e bem estar deste novo ser digitalizado em pixels.

Com grande utilização e poder de acesso em nosso país, a Saúde Pública não poderia deixar de voltar seu olhar para esta ferramenta. Diversos estudos tiveram/tem como objeto esta rede mundial de computadores e sua interligação com o campo. Iturri<sup>7</sup> e Cuenca e colaboradores<sup>8</sup> alertaram para a importância do uso das redes digitais nas instituições acadêmicas e pesquisas em saúde pública assim como Castro<sup>9</sup> destaca o novo modelo de comunicação via rede, como um desafio para a academia moderna.

A vigilância epidemiológica pode se beneficiar com as ferramentas virtuais. Banaszek<sup>10</sup> descreve como informações de fontes variadas, podem ser utilizadas nas identificações de possíveis focos de doenças. Conesa et al<sup>11</sup> afirmam que o software FluDetWeb é uma ferramenta muito útil para a saúde pública. Tilston et al<sup>12</sup> descrevem os benefícios de utilizar um sistema de vigilância digital. Freifeld et al<sup>13</sup> propõem um sistema de organização, filtragem, integração e visualização de todas as informações sobre doenças que são disponibilizadas na rede.

Além de fonte inesgotável de informações, a rede também pode ser utilizada como ferramenta para divulgação e disseminação de informações. Scotch e colaboradores<sup>14</sup> apontam para as dificuldades em se unificar as informações. Não deixam de ressaltar a importância de mais pesquisas, dado ao grande valor em potencial.

Vivancos<sup>15</sup> pesquisou tratamentos online para DSTs. Concluíram que estes produtos são de fácil acesso devido a facilidade que a Internet proporciona, assim como existe falta de informações sobre os riscos a que esses usuários podem estar se submetendo na compra destes produtos oferecidos na rede.

Gao et al<sup>16</sup> alertam para a necessidade de acompanhamento pela vigilância em saúde. Entretanto, afirmam que, para problemas mais complexos, soluções mais elaboradas são necessárias.

Chang et al<sup>17</sup> demonstram benefícios de utilização dessas tecnologias. Apresentam trabalho realizado com monitoramento, via Google Earth e mapeamento GIS, dos casos de dengue em países em desenvolvimento. Apontam essa ferramenta como adequada a regiões com pouco acesso às tecnologias e com resultados bastante satisfatórios, com baixo custo. Isso também é defendido por Lozano-Fuentes et al<sup>18</sup>.

Na outra ponta da rede, a utilização de blogs é identificada como ferramenta importante em saúde pública. Esta seria uma ferramenta para expandir a experiência da sala de aula<sup>18,19, 20</sup>. É uma fonte especial de consultas sobre sexualidade e informações sobre saúde, especialmente entre os adolescentes<sup>21</sup>.

Chiou<sup>22</sup> pesquisou os efeitos do anonimato nos contatos de cibersexo realizados por adolescentes em Taiwan. Facchini et al<sup>23</sup> pesquisaram sites voltados para adolescentes, sobre a temática sexualidade e concluem que há muita distorção de informações na Internet e reforço de comportamentos preconceituosos e sexistas, o que traz um alerta sobre o conteúdo a que os jovens têm acesso nos dias atuais.

Silva<sup>24</sup> recentemente trabalhou os aspectos da sexualidade masculina online, focando nesses novos contextos de epidemia HIV/AIDS. Reforça a importância de considerarmos a Internet como campo de pesquisa, dados os aspectos socioculturais presentes. Nas relações entre pesquisas online e off-line, Ross et al<sup>25</sup> compararam resultados nas duas modalidades. Afirmam que a Internet é um campo favorável para pesquisas em sexualidade e saúde.

Hoje em dia, as pessoas encontram-se isoladas e distanciadas uma das outras, mesmo morando em regiões classificadas como de alta densidade demográfica. Às vezes é mais fácil saber o que está acontecendo em cidades e países distantes do que na sua própria vizinhança.

Com o advento da fibra ótica, computadores, conexões sem fio, 3G e outras tecnologias, se comunicar e buscar informações se tornou uma atividade cotidiana em qualquer lugar do mundo. A sociedade hoje é definida como a “sociedade da informação”, onde estar conectado com o mundo e em contato direto com novas tecnologias e informações se faz necessário.

Com o uso em grande escala da Internet, era de se esperar que se tentasse reproduzir ao máximo a “sociedade real” na tentativa de atrair mais adeptos. A realidade criada por este novo meio de comunicação, que manifesta formas específicas de socialização, traz no seu bojo transformações de relações, de encontros, de possibilidades afetivas e cognitivas.

Com o passar dos anos, encontram-se cada vez mais utilidades para esta ferramenta, além de perceber que esse novo meio de comunicação tem gerado mudanças de comportamento, fazendo cada vez mais, parte do cotidiano das pessoas, sendo assim necessário o estudo desta interação homem-computador do ponto de vista sócio-psicológico visando os benefícios para a saúde pública.

Na atualidade, as mudanças ocorrem rapidamente, da mesma maneira que novos usuários adentram a rede, quase que sem controle. Essa nova apresentação de utilização de tecnologia tem o diferencial de corpo não presente.

## **Considerações finais**

As pesquisas e trabalhos em saúde pública e áreas transdisciplinares costumam encarar a virtualidade como um campo de aplicação de instrumentos, para terem acesso ou contato com os sujeitos, quando devemos pensar esta como um meio social de interação, com características próprias e pertencente ao cotidiano dos sujeitos da sociedade moderna. Não se pode mais pensar na internet apenas como uma maneira de se realizar pesquisas ou divulgar instrumentos mas sim com um campo social, virtualizado, onde existem novas normas e regras que atuam diretamente no comportamento desses nossos sujeitos modernizados e digitalizados.

Ha décadas pesquisadores se debruçam nas metodologias de pesquisa online, tentando recriar um ambiente mais próximo do real para realização das pesquisas. Pesquisas online não são apenas pesquisas reais que usam a rede como meio de propagação, mas sim pesquisas que entendem esse novo universo sociabilizador, com regras e normas próprias e que devem ser seguidas para evitarmos enviesamento.

Enquanto pesquisadores, precisamos entender o que é chamado de netiqueta, ou seja, normas de educação online, pois adentraremos um universo novo para novas pesquisas. Precisamos refletir como divulgaremos nossos instrumentos sem que invalidemos sua utilização, visto que as barreiras físicas não existem mais. Assim como entender o quesito anonimato e sua influência nos resultados bem como as novas formas de escrita e expressões que o virtual proporciona.

Existem novas formas de aplicação de instrumentos utilizando validação do termo de consentimento e esclarecido por Internet Protocol, que dão toda a segurança tanto ao usuário quanto ao pesquisadores. Diversos softwares estão sendo desenvolvidos para nos auxiliar, assim como os de estatística, no nosso trabalho de pesquisadores. Se faz necessário mais contato com as novas leituras desse mundo virtual social para que possamos inserir a saúde pública nesse novo contexto.

Temos entender que novas gerações surgem e suas relações com o virtual também. Estudos sobre pesquisas com crianças e adolescentes no mundo virtual

são realizadas e debatidas em grande escala. E as em Saúde pública? Estes ficarão fora das nossas pesquisas? Além desse ponto devemos pensar e repensar as questões de ensino em saúde pública, desde teleconferências ou tele saúde até novas formas de ensino e qualificação dos profissionais da nossa área. Não podemos deixar de citar que as pesquisas de mercado hoje utilizam os consumidores pelas redes sociais e novas formas de interação e precisamos dela para nossas atuações.

É necessário repensar as questões quantitativas, quando o universo e a amostra passam a ser incalculáveis ou até mesmo crescentes a cada minuto em progressão geométrica. Assim como entender como as metodologias de pesquisa nessa área precisam se adequar para este novo formato, sem perder sua essência. Em alguns poucos meses teremos mais e mais tecnologias que promovem a interação e integração desses sujeitos e conseqüentemente dos pesquisadores. Estaremos nós preparados para esse novo desafio que antes era apenas um imaginário dos livros e filmes de ficção?

Existe um novo universo englobando o real, o chamado virtual, são dicotômicos, mas fundidos, criando novas formas de interação não geográfica, dinamizada e que não podem ser separadas nas pesquisas. Precisamos dessa integração da cibercultura com a saúde pública para que possamos acompanhar a sociedade e suas formas de interação e usar de melhor maneira este conhecimento e instrumentos para o desenvolvimento de políticas públicas, intervenções e pesquisas em saúde pública.

## Referências Bibliográficas

1. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. [Internet]. [acessado 2010 jan 27] Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1517](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1517)
2. LeBreton, D. *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. Campinas (SP): Papyrus Editora, 1999.
3. Carvalho P. R. *Psicologia*, 1999. Disponível em: [www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/resumov1n23.htm](http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/resumov1n23.htm) Acesso em: 28 ago. 2004.
4. Parks M. R; Floyd K. *Making friends in cyberspace*, 1996. Disponível em: <http://www.scm.org> Acesso em: dec. 2002.
5. Levy, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo (SP): Ed. 34. 1999.
6. Lemos, A. *As estruturas antropológicas do ciberespaço*. Salvador: texto produzido para os seminários do grupo Cyberpesquisa/Facom-UFBA, 1996. [acessado 2012 jan 20] Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/estrcy1.html>
7. Iturri J. *Ciberespaço e negociações de sentido: aspectos sociais da implementação de redes digitais de comunicação em instituições acadêmicas de saúde pública*. Cad. Saúde Pública; 14(4):803-810, 1998
8. Cuenca A M B; Tanaka A C A. *Influência da internet na comunidade acadêmico-científica da área de saúde pública*. Rev Saúde Pública [periódico na Internet]. 2005 [acessado 2011 dez 12];39(5):840-6. Disponível em: <http://www.fsp.usp.br/rsp>
9. Castro R C F. *Impacto da Internet no fluxo da comunicação científica em saúde*. Rev Saúde Pública;40( N Esp):57-63, 2006
10. Banaszek A. *Tracking infectious diseases in cyberspace*. CMAJ [periódico na Internet]. 2011 [acessado 2012 fev 18]; 139(7). Disponível em: <http://www.cmaj.ca/content/183/7/E373>

11. Conesa D; López-Quílez A; Martínez-Beneito M A; Miralles M T; Verdejo F. *FluDetWeb: an interactive web-based system for the early detection of the onset of influenza epidemics*. BMC Medical Informatics and Decision Making. [periódico na Internet]. 2009 [acessado 2012 jan 20]; 9:36. Disponível em: <http://www.biomedcentral.com/content/pdf/1472-6947-9-36.pdf>
12. Tilston N L; Eames K T D; Paolotti D; Ealden T; Edmunds W J. *Internet-based surveillance of Influenza-like-illness in the UK during the 2009 H1N1 influenza pandemic*. BMC Public Health [periódico na Internet]. 2010 [acessado 2012 jan 20] 10:650. Disponível em: <http://www.biomedcentral.com/1471-2458/10/650>
13. Freifeld C C, Mandl K D, Reis B Y, Brownstein JS. *HealthMap: global infectious disease monitoring through automated classification and visualization of Internet media reports*. J Am Med Inform Assoc. [periódico na Internet]. 2008 [acessado 2012 jan 20] Mar-Apr;15(2):150-7. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18096908>
14. Scotch M; Yip K Y; Cheung K H. *Development of Grid-like Applications for Public Health Using Web 2.0 Mashup Techniques*. J Am Med Inform Assoc. [periódico na Internet]. 2008. [acessado 2012 jan 20] Nov-Dec; 15(6): 783–786. Disponível em: <http://jamia.bmj.com/content/15/6/783.abstract>
15. Vivancos R; Schelenz S; Loke Y K. *Internet treatment of sexually transmitted infections – a public health hazard?* BMC Public Health [periódico na Internet]. 2007. [acessado 2012 jan 20] 7:333. Disponível em: <http://www.biomedcentral.com/1471-2458/7/333>
16. Gao S; Mioc D; Yi X; Anton F; Oldfield E; Coleman D J. *Towards Web-based representation and processing of health information*. International Journal of Health Geographics [periódico na Internet]. 2009 [acessado 2012 jan 20] 8:3. Disponível em: <http://www.ij-healthgeographics.com/content/8/1/3>
17. Chang A Y; Parrales M E; , Jimenez J; Sobieszczyk M E; Hammer S M; Copenhaver D J; Kulkarni R P. *Combining Google Earth and GIS mapping technologies in a dengue surveillance system for developing countries*. International Journal of Health Geographics [periódico na Internet]. 2009

[acessado 2012 jan 20] 8:49. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2729741/>

18. Lozano-Fuentes S; Elizondo-Quiroga D; Farfan-Ale J A; Loroño-Pino M A; Garcia-Rejon J; Gomez-Carro S; Lira-Zumbardo V; Najera-Vazquez R; Fernandez-Salas I; Calderon-Martinez J; Dominguez-Galera M; Mis-Avila P; Morris N; Coleman M; Moore C G; Beatya B J; Eisena L. *Use of Google Earth™ to strengthen public health capacity and facilitate management of vector-borne diseases in resource-poor environments*. Bulletin of the World Health Organization [periódico na Internet]. 2008 [acessado 2012 jan 20] 86:9. Disponível em: <http://www.who.int/bulletin/volumes/86/9/07-045880.pdf>

19. Goldman R S; Cohen A P; Sheahan F. *Using Seminar Blogs to Enhance Student Participation and Learning in Public Health School Classes*. American Journal of Public Health. [periódico na Internet]. 2008 [acessado 2012 jan 20] 98(9). Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18633075>

20. Barilli E C V C; Ebecken N F F; Cunha G G. *A tecnologia de realidade virtual como recurso para formação em saúde pública à distância*. Ciência & Saúde Coletiva [periódico na Internet]. 2011 [acessado 2012 jan 20] 16(Supl. 1):1247-1256. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000700057>

21. Kanuga M; Rosenfeld W D. *Adolescent sexuality and the internet: the good, the bad, and the URL*. Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology [periódico na Internet]. 2004 [acessado 2012 jan 20] 17(2): 117-124. Disponível em: [http://www.jpagonline.org/article/S1083-3188\(04\)00016-6/fulltext](http://www.jpagonline.org/article/S1083-3188(04)00016-6/fulltext)

22. Chiou WB. *Adolescents' reply intent for sexual disclosure in cyberspace: gender differences and effects of anonymity and topic intimacy*. Behav [periódico na Internet]. 2007 [acessado 2012 jan 20] 10(5):725-8. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17927545>

23. Facchini, G B; Maia A C B; Maia A F. *Análise de aspectos relacionados à sexualidade em site para adolescentes*. Interação em Psicologia [periódico na Internet]. 2004 [acessado 2012 jan 20] 8(1): 57-66. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/viewArticle/3239>

24. SILVA, L A V. *Cybersexuality and online research: some reflections about the concept of barebacking*. Interface - Comunic., Saude, Educ. [periódico na Internet]. 2010 [acessado 2012 jan 20] 34(4): 513-27. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832010000300004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832010000300004&script=sci_arttext)
25. Ross M W; Månsson SA; Daneback K; Cooper A; Tikkanen R. *Biases in internet sexual health samples*. Soc Sci Med [periódico na Internet]. 2005 [acessado 2012 jan 20] 61(1): 245-252. Disponível em: <http://www.websm.org/db/12/4586/rec/>

## 2.2 - A prevenção contra a Aids em ambiente virtual homossexual masculino

Eduardo J. S. Honorato<sup>1,2</sup>; Romeu Gomes<sup>2</sup>

1 Universidade Estadual do Amazonas - UEA

2 Instituto Nacional da Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira - IFF - Fiocruz

### Resumo:

Este trabalho objetivou analisar aspectos relacionados à prevenção contra a Aids em ambientes virtuais homossexuais masculinos que se centram na veiculação do corpo. Tomou-se como referência a ideia de que o cibercorpo se encontra na cibersexualidade, onde o corpo do outro, virtualizado, passa a ser somente um lugar de visita, como uma página na Internet e o sexo entre eles é o ideal. O desenho metodológico utilizado foi de natureza qualitativa, focalizando tanto a análise dos sentidos subjacentes às ideias quanto a sua contextualização à luz de significados culturais mais amplos. Entre os resultados encontrados, destacam-se os seguintes: corpo masculino desejado formatado por músculos definidos e ausência de pelos; percepção de vantagens da internet na busca do parceiro sexual e uso ou não do preservativo como medida de proteção contra a Aids baseado em avaliações do parceiro. Conclui-se ser importante fazer do ambiente virtual um espaço de problematização de ideias e experiências em prol da realização do prazer entre as pessoas, do mesmo sexo ou de sexos diferentes, sem que haja adoecimento do corpo.

Palavras-chaves: corpo masculino, ambiente virtual, prevenção à AIDS, homossexualidade masculina.

## Introdução

As questões de cibercultura estão cada vez mais presentes tanto no âmbito da academia, quanto em nosso cotidiano social em geral. Sejam por questões sociais e políticas recentes, seja por sua relação com a saúde pública, o ambiente virtual cada vez ganha mais espaço nas discussões contemporâneas.

Hoje temos uma área de atuação e intervenção das mais variadas ciências. Não se fala mais de virtual sem real, e agora muito menos do real sem o virtual, uma vez que as fronteiras entre esses campos vêm tornando menos demarcadas. Nesse sentido, entendemos o corpo em sua transposição do real para o virtual, na forma de imagem representativa. Como se posiciona Le Breton<sup>1</sup>, seguindo para o mundo virtual, o cibercorpo se encontra na cibersexualidade, que vira referência; o corpo do outro, virtualizado, passa a ser somente um lugar passível de visitação, ou neste caso, acesso.

Assim, o mundo virtual é compreendido como parte do real<sup>2</sup>, mas este ciberespaço não é concretizado, mas dinâmico onde participantes podem “mover-se” e criar uma nova vida, explorando este mundo de informações<sup>3</sup>. Não é algo tangível, mas um espaço não físico onde seus integrantes têm a possibilidade de movimentar-se e criar-se explorando as oportunidades oferecidas por esse novo “mundo”. Ele, o virtual, cria um mundo de simulação, onde às vezes a representação virtual se torna mais real do que o próprio mundo.

Ha décadas pesquisadores se debruçam nas metodologias de pesquisa online, tentando recriar um ambiente mais próximo do real para realização das pesquisas<sup>3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12</sup>. Pesquisas online não são apenas reais que usam a rede como meio de propagação, mas sim pesquisas que entendem esse novo universo sociabilizador, com regras e normas próprias e que devem ser seguidas para evitarmos vieses<sup>3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12</sup>. As regras vão desde normas de etiqueta online a formas de divulgação de instrumentos, utilização de novas tecnologias, passando por adaptações dos termos de consentimento e esclarecido e de formatações de investigações.

Entre os estudos que remetem à discussão para a busca de sexo pela internet, há a ideia de que isso aumenta os riscos de contaminação por doenças

sexualmente transmitidas<sup>13</sup>. Entretanto, constata-se que a necessidade de mais estudos em relação ao tema<sup>14</sup>.

As pesquisas online não só possibilitam ampliar a área investigativa da saúde pública, como também podem pautar novas questões para a discussão dessa área. Nesse sentido, o espaço virtual pode se tornar um potente campo de pesquisa para objetos de estudo da saúde de segmentos sociais específicos e de populações em geral, aí se incluindo as ações de prevenção contra a Aids.

A partir dessa perspectiva, o presente estudo teve como objetivo principal analisar aspectos relacionados à prevenção contra a Aids em ambientes virtuais homossexuais masculinos que se centram na veiculação do corpo. Como objetivos específicos, procurou-se: (a) identificar padrões de corpos de homens como condição inicial de interação homossexual masculina no ciberespaço; (c) identificar sentidos atribuídos a corpos masculinos veiculados em espaços virtuais por parte de homens jovens e (c) analisar possibilidades e limites da prevenção contra a AIDS em ambientes virtuais homossexuais masculinos.

### **Material e Método**

A pesquisa foi de natureza qualitativa, visando conhecer e interpretar uma realidade<sup>15,16</sup> e focalizando os fenômenos e suas consequências interacionais. O referencial teórico-analítico foi a perspectiva hermenêutica-dialética, avançando tanto na compreensão dos sentidos subjacentes aos depoimentos, como na problematização dos resultados encontrados por meio dessa compreensão<sup>17</sup>.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Nacional da Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz, sob parecer número 112.904.

O campo do estudo foi o site <http://www.disponivel.com.br><sup>18</sup>, que foi o primeiro site brasileiro para encontro virtual de homossexuais, com perfis estáticos, regionalizados, proporcionando contatos para encontros reais. Possui o maior número de usuários brasileiros (não divulgados), hospedado pelo maior provedor de internet do Brasil (Universo Online – UOL<sup>19</sup>) e com forte apelo de marketing nas "Paradas do Orgulho Gay" organizadas pelo país.

No período de 12 de outubro a 4 de dezembro de 2012, nos finais de semana, na parte noturna, esse site foi acessado e nele foram identificados

usuários homens que se declaravam na faixa etária entre 18 e 24 anos, tivessem o português como primeira língua e utilizassem imagem do corpo como foto principal. Em relação a esses usuários, duas estratégias de pesquisa foram utilizadas. A primeira delas foi a coleta das informações postadas nos perfis disponíveis para o público (etapa 1), enquanto a segunda foi o envio de convite para esse usuários (etapa 2), via mensagem interna do site, explicando a natureza do estudo e informando um link externo para o termo de consentimento e esclarecido hospedado em outro site.

Em termos de etapa 1, foram coletadas informações disponíveis nos perfis declarados pelos usuários no site sobre características físicas, orientação sexual, preferências sexuais, sexo seguro, uso de drogas e álcool, dentre outras. Ao todo foram coletadas informações de 339 perfis de usuários que se encontravam nos critérios de inclusão.

Desses usuários, que foram convidados para participar da pesquisa, 55 preencheram um questionário online, sendo que 45 tiveram suas respostas aproveitadas. Os demais questionários foram descartados porque foram utilizados para testagem do instrumento.

Os usuários que aderiram ao convite foram orientados a responder às perguntas abertas disponibilizadas num formulário em um website, com as seguintes questões: (1) Quais as características que você acha que um corpo masculino deve ter? (2) Quando você escolhe, pela Internet, um parceiro para viver uma experiência de prazer, o que você leva em conta? (3) Qual são as vantagens e quais são as desvantagens de utilizar a Internet como meio de encontrar parceiros para se ter prazer sexual? (4) O que você entende por "sexo seguro"? (5) Um dos campos do perfil de usuário diz respeito a sexo seguro. Muitos usuários omitem essa informação. A omissão desta informação gera reações em você? Quais? (6) Ao escolher o parceiro e ao viver o prazer com ele, no mundo real, você toma algum cuidado para se prevenir da Aids? Qual ou quais? (7) A afirmação no perfil de que não pratica sexo seguro influencia a sua escolha de parceiro? (8) O que você recomendaria para um jovem que busca um parceiro sexual por meio da Internet?

Em relação às informações dos perfis (Etapa 1), devido à natureza da pesquisa, não houve preocupação em utilizar medidas estatísticas inferenciais.

Assim, as informações foram trabalhadas por meio de frequências simples e percentuais com a finalidade de fornecer contexto para melhor situar os dados qualitativos.

Quanto às respostas coletas via questionário eletrônico (Etapa 2), as informações foram trabalhadas via análise qualitativa dos dados, utilizando o método de interpretação dos sentidos<sup>17</sup> através da busca de uma lógica interna das respostas, sempre situando num contexto de sua produção. O método consiste em identificar os sentidos, agrupá-los e realizar sínteses interpretativas, ao mesmo tempo interpretando e estabelecendo relações com questões culturais atribuídas a esses sentidos.

## Resultados do Estudo

### Caracterização dos Perfis dos Usuários

No que se refere a características físicas dos 339 perfis dos usuários analisados (Etapa 1), observamos as seguintes predominâncias: idade de 18 anos, peso no intervalo entre 70 e 79 quilos, altura no intervalo de 170 à 179 centímetros e pele de cor branca. (Tabela 1).

Tabela 1. Características Físicas

Característica	Intervalo	N	%
Idade	18 – 20	178	52
	21 – 24	171	48
Peso (Kg)	40 – 59	15	5
	60 – 79	168	48
	80 – 109	156	47
Altura (cm)	140 – 159	29	9
	160 – 179	220	65
	180 – 199	90	26
Pele	Branca	68	20
	Morena	89	26
	Negra	182	54

Se entendermos que os sites usados na pesquisa tem como obrigatoriedade a maioria legal brasileira, 18 anos, aqueles que forem menores tenderão a informar a idade mínima para acessarem o site. Não há qualquer necessidade de comprovação, apenas uma declaração de concordar com os termos de adesão aos sites, como é padronizado no mundo virtual.

Apesar de não constar nessas informações, o estado civil deveria ser interessante de se verificar em futuras pesquisas. Sowell e Phillips<sup>20</sup> (2010) encontraram 28,5% de usuários de site americano que eram casados e usavam esse meio para encontrar parceiros.

Peso e altura demonstram grande concentração das medidas mais padronizadas do brasileiro. ainda segundo o IBGE<sup>21</sup> a média do brasileiro maior de 18 anos é 1,74m. É importante ressaltar que um dos critérios de inclusão é a apresentação do corpo como imagem inicial, e, pelos padrões de estética vigentes, este corpo então musculoso manteria uma certa relação com o peso.

Nos perfis postados, destaca-se que em geral os usuários declaram que não fazem uso do fumo, de bebida e de drogas (Tabela 2). Entretanto, não podemos desconsiderar que há um percentual importante de usuários que fazem uso desses “socialmente”.

Tabela 2: Uso de fumo, bebida e droga

Aspecto	Resposta	N	%
Fumo	Sim	40	11
	Não	189	56
	Socialmente	83	25
	N/R	27	8
Bebida	Sempre	38	11
	Não	85	25
	Socialmente	182	54
	N/R	34	10
Drogas	Sempre	17	5
	Nunca	178	53
	Socialmente	76	22

	N/R	68	20
--	-----	----	----

N/R = nenhuma resposta anterior

No que se refere a tipos de físico e de atitudes oferecidos pelo site, observamos que se ressaltam o tipo físico "normal", com poucas escolhas por "definido" ou "musculoso" e a atitude "casual" (Tabela 3). Vale ressaltar que as categorias existentes para escolha do usuário são criações do site, sem qualquer explicação ou orientação ao usuário sobre o que compõe cada uma delas.

Tabela 3. Auto descrição dos usuários

Característica	Resposta	N	%
Tipo	Normal	293	86
	Definido	44	13
	Musculoso	2	1
Atitude	Moderna	115	34
	Casual	141	41
	Alternativa	9	3
	Militar	27	8
	N/R	47	14

N/R = nenhuma resposta anterior

Observamos que o próprio site não estabelece padrões para tipo e atitude. Parte dessas categorias é proveniente de tradução de sites estrangeiros que utilizam as categorias existentes no mundo real, cabendo ao usuário se identificar como tal. A decisão parte da auto-percepção do usuário. Em uma sociedade onde o padrão estético masculino se modificou da magreza para a musculatura definida, esse padrão de normalidade estaria relacionado ao estético atual, cabendo então ao definido ou musculoso, os com maior massa muscular ou praticantes de halterofilismo.

Em relação às opções predominantes pelo "moderno" e "casual", isso pode se explicar pela associação que essas expressões podem ter ao fato positivo de se conectar para ficar em contato com tudo que há de novo.

Quanto à declaração do tamanho do pênis, 63% dos usuários optaram pela resposta “Médio”, seguidos por aqueles que declararam “Grande” (9%), “Pequeno” (7%) e “N/R” (21%). Talvez pelo fato de o tamanho do pênis ser visto como um instrumento de autopromoção justifica o fato de parte considerável dos usuários optar por não declarar o tamanho do seu órgão genital.

No que se refere à orientação sexual, observamos os seguintes percentuais: “hetero”: 2%, “homo” 56%, “bi”: 13% e “N/R” (nenhuma das respostas anteriores): 13%. Como era de se esperar, por se tratar de um site homoerótico, predominam as autodenominações “homo” e “bi”. O fato de mais de um décimo dos usuários optarem por marcar “N/R” pode ser interpretado como uma não aceitação de classificações fixas ou uma recusa de rotulações atribuídas a partir do sexo das pessoas que são objeto do desejo.

Em relação a pelos do corpo, predomina a resposta “Depilado”, com 60%, seguida de “Normal” (15%), “Peludo” (13%) e “N/R” (3%). Hoje clínicas de depilação exclusiva para homens crescem no Brasil e a depilação deixou de ser algo direcionado a atletas ou a público gay. Os chamados pelos corporais ganham conotação de fetiche, com subgrupos de práticas que optam por este biotipo, com peso corporal acima da média e pelos pelo corpo, os chamados “ursos”.

Sobre Sexo Seguro, 82,01% afirmam que “Sempre”, “Algumas vezes” (6,19%), “N/R”(11,21%) e “Nunca”(0,59%). Percebe-se que a grande maioria afirma praticar sexo seguro, mas observamos que nem o site, nem os usuários deixam claro o que entendem como sexo seguro. De certa forma, essa informação não se relaciona muito com o que se observa na literatura específica. A literatura afirma que com o aumento do uso da internet e o número de usuários que buscam sexo por websites, há aumento no número de parceiros e a rede mundial de computadores se tornou fator importante na transmissão e contaminação por HIV, portanto, gerando maior exposição ao risco<sup>13, 14, 20, 22, 23, 24,</sup>

## **Sentidos Atribuídos ao Corpo Masculino e à Prevenção contra a Aids**

A análise dos sentidos – implícita ou explicitamente – presentes nas respostas às questões do formulário eletrônico (Etapa 2) possibilitou a organização do tratamento dos dados em três eixos temáticos: *o corpo masculino desejado*; *a busca virtual de parceiros para o prazer sexual* e *sentidos atribuídos ao “sexo seguro” e à prevenção contra a Aids*.

### ***O corpo masculino desejado***

Em relação ao corpo masculino desejado, entre os sentidos associados a esse corpo por parte dos sujeitos do estudo, é a força que se destaca e emblematicamente representa a masculinidade. A força se expressa numa estética própria. Nesse sentido, um peito projetado e emoldurado por braços com músculos bem definidos seria a expressão típica de um corpo masculino forte. Nesse padrão estético, não cabem os pelos ou, pelo menos, sua presença deve ser discreta porque eles podem esconder a definição peitoral. Os pelos são mais tolerados no rosto, configurando a barba. A gordura também deve ser banida desse corpo, principalmente no abdome que deve chegar a 0% por cento de gordura.

Descendo do tórax definido e passando pelo abdome sem gordura, os depoimentos focalizam-se no músculo central, que é o pênis. Esse também deve ser desenvolvido.

À definição muscular – tanto do tórax quanto do pênis – são associadas qualidades masculinas.

Como ilustração do corpo forte sem gordura, destacam-se dois trechos de respostas dos usuários:

*“Deve ser masculino meio sarado nada exagerado a não ser o dote [pênis] ou ser magro mas masculino nada feminino” (n21).*

*“Músculos e traços masculinos, proporcional. Peitos e braços fortes/definidos. Pelos na proporção certa e % de gordura abdominal reduzida.” (n37).*

Associado a esse padrão estético, a aparência saudável surge como indicativo de práticas saudáveis ou cuidados a serem tomados para a manutenção do corpo. Assim, o conceito de cuidar se amplia, sendo entendido como a saúde de forma geral. Assim, estética e saúde praticamente se superpõem.

*“Normalmente observo se a pessoa cuida do corpo, por acreditar que cuidado com o próprio corpo é fundamental. Quem é inteligente, interessante, cuida de si. Mas isso não quer dizer que deva ser musculoso.”* (n32)

Junto a esse padrão corporal, também é possível perceber que o corpo pode ser representado por partes dele, como fragmentado. Peito, nádegas, órgão genital, pernas e outras partes são citados como características de gênero. Há uma grande ênfase nas questões de "masculinidade" e "feminilidade" como se cada gênero tivesse seus representantes apenas físicos. Nesse sentido, o que se associa ao "feminino" no corpo do outro deve ser evitado e o que é tido como "masculino" deve ser procurado.

Apesar de se tratar de um site para busca de parceiros, o sentido de corpo como *instrumento de um sexo puramente mecânico* não foi tão presente. Nesse sentido, o corpo não é apenas um meio para se chegar a um fim (ato sexual) mas como parte importante de um processo de sedução, atração, ato sexual e encontro.

Os corpos desejados por alguns usuários não só devem ser formatados num padrão estético, mas devem também expressar algumas qualidades que vão além da forma corporal, a exemplo de "inteligente", "educado", "confiável" e coerente com o perfil postado no site.

Nesta questão foi possível perceber sentidos com demarcações nítidas entre realidade virtual e realidade física. A exemplo disso, destacamos o seguinte trecho de uma resposta: *"as mesmas características q ao vivo, gosto muito de saber personalidade, gosto q o cara seja inteligente, educado, agradável e logico bonito"* (n13). Nesse sentido, há uma diferença entre real e virtual e precisará ser avaliado também.

### ***Busca virtual do parceiro para o prazer sexual***

No que se refere à busca virtual do parceiro, logo de início, observamos que há uma preocupação com a avaliação das informações do parceiro procurado, destacando-se a subjetividade e praticidade para se avaliar o perfil ou chat e demandando habilidades por parte de quem avalia. Nessa avaliação, a “aparência” e a “boa conversa” destacam-se, como se houvesse possibilidade de avaliar muitos traços de personalidade simplesmente pela internet a partir desses aspectos.

Alguns exemplos, que demonstram essa subjetividade implícita na avaliação pelo texto, encontramos nas respostas sobre o que levam em conta na busca por um parceiro. O depoimento que se segue é exemplar:

*“Idade, preferência sexual (ativo, passivo ou versátil - preferência por ativos), tamanho do pau, jeitão de homem que curte ser ativo ou jeito de passivo que não é efeminado (do tipo que "mia" na hora h), beleza (certo grau de beleza é essencial - lembrando que o que eu acho bonito ou atraente pode não ser visto assim por outras pessoas)... Acho que é basicamente isso. Se o cara for burro (do tipo porta, que escreve tudo errado) eu não consigo levar o papo adiante e acabo não marcando de nos encontrarmos. Certo grau de inteligência e articulação verbal é essencial. A dinâmica na conversa ajuda (ser monossilábico me irrita tanto quanto erros grotescos de português)” (n9).*

Segundo alguns usuários, o virtual pode ser reflexo do real, ao apontarem para a fusão do escrito com o falado, como se a digitação substituísse a fala, verificando assim, possíveis erros ou avaliando uma interação em tempo real.

*“O modo como a pessoa se expressa nas frases, tem que saber falar bonito e me envolver na conversa. Se conter muitos erros de português já fica em descrédito”(n16)*

Talvez o termo "boa conversa" aqui se refira à forma como a pessoa digita, utiliza as regras da língua portuguesa e interage, sem que isso envolva realmente

a fala, visto que as interações são feitas via chat ou mensagens privadas, logo, de maneira assíncrona.

A redução aos aspectos da “aparência” e da “boa conversa” reflete um sentido de rapidez necessária à interatividade virtual. Nessa avaliação, é possível perceber tanto a dicotomia entre as instâncias real e virtual, como a extensão de ambos. Quando buscam parceiros, as características e critérios adotados para escolhas se baseiam na sua experiência, citando que preferem as mesmas coisas que ao vivo, apenas não especificando como a sincronia da rede mundial faz com que identifiquem isso. Como identificar caráter e índole através de um perfil estático ou troca de mensagens em bate papo? Alguns dão o sentido de praticidade mencionando apenas as imagens ou fotos, remetendo novamente ao típico serviço para sexo *fast food*. Aqui o real e virtual se fundem como se tivessem as mesmas regras de interação.

A busca virtual por parceiro para o prazer sexual envolve vantagens e desvantagens. A internet em si é vista como vantagem, uma vez que oferece uma facilidade para os encontros. O encontro mediado pela internet proporciona muitas possibilidades de encontros, seja facilitando para aqueles que são mais tímidos, seja quebrando barreiras geográficas ou de idiomas falados. Como exemplos, destacamos os seguintes fragmentos de depoimentos:

*"[A internet] para pessoas tímidas ajuda um pouco" (n4).*

*"A vantagem é que você pode encontrar um parceiro em poucos minutos na comodidade de sua casa" (n12).*

*"a grande vantagem é a barreira física que a internet quebra, facilitando conhecer pessoas das mais diversas regiões e ate mesmo da nossa própria que não sabíamos da sexualidade." (n15)*

Dois aspectos citados em relação à busca virtual apresentam nuances de vantagens e desvantagens: segurança e praticidade.

A segurança, de um lado, pode ser comprometida na interatividade porque “as pessoas mentem muito” e porque há “o risco de encontrar pessoas de má índole que podem lhe enganar”. Assim, os chamados perfis *fakes* podem exemplificar. Nesse sentido, a *segurança* é bastante relacionada com a possibilidade não somente dos chamados perfis *fakes*, mas também das questões de segurança. Estes estariam ligados à má índole do outro e também da

percepção do usuário. O outro tanto pode ter má intenção quanto o próprio usuário ter julgado mal os itens que considera como seguros. Assim, como desvantagem há “o risco de encontrar pessoas de má índole que podem lhe enganar.” Ao mesmo tempo há o sentido de *segurança* para a vantagem, Muitos acreditam que por estarem em casa, seguros, sem exposição pública, correm menos perigo. Sensação comum aos usuários de cibercultura.

A *praticidade* tão importante para as vantagens também apresenta nuances de desvantagens, pois o sentido de *envolvimento*, quando o interesse deixa de ser apenas sexual para relacionamento e o acordo inicial era apenas de sexo casual. Assim, se por um lado há “diversidade de escolhas e facilidade na busca”, por outro “se você conhecer alguém pela net e ficar interessado em algo mais sério geralmente os caras não dão muito crédito aos seus sentimentos”.

### **“Sexo seguro” e prevenção contra à Aids**

Em relação a “sexo seguro”, vários foram os sentidos apresentados pelos nossos sujeitos: *preservativo, alguém conhecido, sem consequências, apenas sexo, quantidade de parceiros e ausência de drogas*. Em geral, as respostas relacionam-se à de que sexo e penetração são sinônimos, pois quando o sexo oral é citado, aparece na forma de “exceção”. Assim, quando é abordado “sexo seguro”, alguns sujeitos desconsideram outras vias de transmissão do HIV.

Há ainda um constructo social de número de parceiros e promiscuidade, onde a quantidade significaria maior exposição, independente se há em risco ou não. O uso de drogas também é mencionado, reforçando a ideia social original da epidemia de Aids como doença de homossexuais e drogados.

Quando questionados sobre a omissão da resposta a “sexo seguro” alguns sentidos surgem, como *confiança* e *segurança* porém sempre relativo ao outro.

*“Mesmo os que colocam que sempre fazem sexo seguro, durante a conversa ainda dou um jeito de questionar. Em geral, os usuários afirmam fazer só quando esta namorando. (...) Portanto, pessoas que logo de cara não veem problema em se por em risco me incomoda um pouco. Por que me dá uma sensação, e pode ser falsa... de que ele possa ter esse descuido em outros campos da vida” (n14).*

Associado a isso, destacamos *informações não confiáveis*:

*"Muita gente deixa de informar várias informações em seus perfis. Eu mesmo não respondo algumas. Outros colocam que fazem só sexo seguro mas estão mentindo. Então o que importa é que quando encontrar a pessoa você faça sexo seguro, o que o cara coloca em seu perfil pode até mesmo não condizer com a realidade dele.";* ausência de informações: *"nenhuma. também não respondo."* (n16)

Nos sentidos atribuídos à prevenção contra a Aids, encontramos o uso do *preservativo*, com a inclusão da prática do sexo oral como necessária. Porém, sentidos como *higiene e intelectualidade* aparecem como características de proteção, como se cuidados pessoais e formação acadêmica fossem critérios de prevenção à Aids. Novamente a quantidade de parceiros aparece como um risco e a divisão e compartilhamento de materiais possivelmente contaminantes como um traço de cuidado.

Sobre a afirmação positiva de prática de sexo seguro no perfil, os sentidos atribuídos foram: *risco; confirmação posterior; condicional; segurança e desconfiança*, como se a simples afirmação ou negação no perfil retirasse toda a necessidade de maiores investigações ou precauções ou ao menos amenizasse qualquer suspeita.

Quando questionados sobre recomendações a jovens que buscam os mesmos objetivos na internet, os sentidos atribuídos foram de novamente *segurança* com orientações de cuidados, além de *prevenção*. Levando sempre em conta os *riscos* e a *periculosidade* que estes ambientes podem trazer, sem jamais esquecer que, assim como no *real*, existem armadilhas no virtual

## **Discussão dos Achados**

O corpo masculino desejado – forte, com músculos definidos e determinadas qualidades intelectuais – é uma projeção que os internautas fazem onde real e virtual, ora se confundem, ora se superpõem. Isso se diferencia da escolha dos internautas para descreverem o seu próprio corpo, uma vez que a grande maioria escolheu “normal” (86%). Isso nos faz pensar que, ao se escolher o corpo do outro como objeto do desejo, se utilize mais as imagens comumente

veiculadas como erótico ou saudável. A auto-percepção corporal talvez leve em conta mais os reais limites para se alcançar esse padrão. Por outro lado, há uma concordância entre a auto-percepção corporal e as características do corpo do outro desejado no que se refere ao padrão corporal depilado.

Com base nos sentidos atribuídos ao corpo desejado no outro, observamos que o cibercorpo<sup>01</sup> formata uma cibersexualidade como reflexo de uma política de desejo<sup>26</sup>. Nele, o erotismo é retratado como um momento único, em que a nudez, à medida que se acentua, representa uma exploração no corpo alheio, mas, com recursos tecnológicos, a presença deixa de ser essencial; através da fantasia, o corpo fica para trás para dar asas à imaginação daquele que procura pela satisfação sexual, tornando a máquina preferencial<sup>01</sup>. Esse objeto modificado é visto como cartão de visitas e o julgamento do sujeito será baseado no corpo. O sujeito então, sempre o modelará de acordo com suas necessidades, visto como fonte de aquisição, material ou emocional<sup>01</sup>. O primeiro contato se dará pelo corpo e tendo este as características desejadas, a porta para negociação estará aberta, desde que esse padrão seja mantido.

Nesse padrão, o estético e o saudável se mesclam a ponto de o primeiro ser o resultado do segundo. Este corpo, ou parte e fragmento dele representado em imagens, seria simbolismo do desejo homoerótico no meio virtual. Além do sentido de virilidade, este padrão estético traz em seu bojo um sentido de salubridade, atrelado ao cuidar do físico como sinônimo de saúde. Essa ideia de salubridade e estética unidas estrutura a representação de que o belo é o que se cuida e, portanto, saudável. Schraiber e colaboradores<sup>27</sup> observam que o sentido de saudável – estruturado pela prática do fisiculturismo – nem sempre opera no eixo da saúde. Às vezes, contrariamente ao denominado, se constitui num dano à saúde corporal.

Na busca virtual pelo parceiro do prazer sexual, o encontro do desejo nem sempre é tangível. Trata-se, muitas vezes, de um espaço não físico onde seus integrantes têm a possibilidade de movimentar-se e criar-se, explorando as oportunidades oferecidas por esse novo mundo. Um mundo de simulação é criado, onde às vezes a representação virtual se torna mais real do que o próprio mundo exterior ou é compreendido como parte do real<sup>02</sup>, mas esse ciberespaço não sendo concreto, mas com intenso dinamismo onde esse usuário pode se

mover, criando novas vidas e absorvendo cada vez mais o mundo de informações disponíveis.<sup>03</sup>

Na busca de parceiros e na conectividade entre desejos, por vezes se instala uma dicotomia. Os usuários descrevem habilidades de percepção ou avaliação do outro como se estivessem no mundo real. Texto digitado se confunde com habilidade de conversação e erros de digitação não comprometem a intelectualidade. Intelectualidade esta que vimos mais adiante ser um dos sentidos atrelados à prevenção. Mas, ao mesmo tempo, percebem real e virtual como distintos.

A emergência do ciberespaço necessariamente não isolou as pessoas. Às vezes, a conectividade em busca de parceiros sexuais aumenta as possibilidades e possibilita a frequência de encontros, desde que o usuário saiba burlar algumas desvantagens que a internet pode proporcionar. Saber lidar com essas desvantagens significa reconhecer que no encontro virtual podem ser gestados riscos reais à saúde.

Observamos, no entanto, que nem sempre os internautas parecem dimensionar os riscos nos encontros virtuais para chegarem à realização – imaginária ou real – dos desejos sexuais. Isso nos faz relativizar o predomínio do “sempre” fazer sexo seguro (82%) na caracterização dos perfis dos usuários. Assim, por vezes, o que os usuários do site julgam ser sexo seguro necessariamente não se constitui numa proteção contra os riscos à saúde, aí se incluindo a prevenção contra a Aids.

Observamos que os sentidos relacionados ao sexo seguro e à prevenção de doença estão muito atrelados a concepções de uso de preservativos, não uso de drogas e características culturais sobre promiscuidade. Devemos destacar também que a segurança, para eles, está relacionada à higiene e intelectualidade, como se estes trouxessem certeza de que o usuário pratica sexo seguro.

A avaliação de alguns deles, como alguns dos sujeitos estudados por Alves<sup>28</sup>, em determinados momentos associam o uso ou não do preservativo como medida de proteção contra a Aids ao julgamento que fazem do parceiros. Por outro lado, diferentemente de alguns dos depoimentos encontrados por Silva<sup>29</sup>, o não uso dessa medida não está relacionado à fidelidade firmada entre

parceiros, mas à quantidade de parceiros, em que se reduzindo essa quantidade, aumenta-se a proteção.

Alguns sentidos atribuídos a sexo seguro pelos nossos sujeitos podem reforçar a ideia de que pessoas que usam a internet buscando sexo aumentam os riscos de contaminação por doenças sexualmente transmitidas (DSTs)<sup>13, 20</sup>. Como nosso estudo não se propôs a mensurar isso, não podemos endossar tal afirmação. Mas, baseados em nossos achados, podemos reforçar a importância de envolver os sites homoeróticos na prevenção contra as DSTs em geral, aí se incluindo a Aids. Ao se engajar esses sites, é importante não se pensar a internet apenas como uma maneira de se realizar pesquisas ou divulgar instrumentos, mas sim com um campo social, virtualizado, onde existem novas normas e regras que atuam diretamente no comportamento desses nossos sujeitos modernizados e digitalizados.

### **Considerações Finais**

Nosso estudo reforça a ideia de que a Internet é um excelente instrumento para pesquisas sobre comportamento humano, especialmente sexualidade. O virtual e real se fundem e se separam, numa relação constante na qual os usuários ora se percebem como virtuais, ora se percebem como reais, exigindo suas habilidades de avaliação e experiências a todo o momento.

Ainda não podemos falar de uma virtualização total do corpo, com criação de habilidades próprias. Ainda nos baseamos nas habilidades físicas de avaliação e interpretação de sinais para julgar as situações que possam levar a riscos.

Para nós fica clara a importância de se engajar os sites homoeróticos para o desenvolvimento de ações preventivas contra a Aids mais eficazes para os internautas que interagem nesses espaços.

O importante é não demonizarmos a internet pelos riscos que pode causar, mas investir esforços para que no ambiente virtual possamos problematizar tanto as ideias quanto às experiências sexuais. Nessa problematização, que a cognição não seja um impedimento da realização – imaginária ou real – dos desejos sexuais. Que sejam potencializadas as relações sexuais visando o prazer sem que tragam o adoecimento para o corpo, tanto entre as pessoas de sexos diferentes, quanto entre aquelas do mesmo sexo.

## Referências

1. LeBreton, D. *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. Campinas (SP): Papyrus Editora, 1999.
2. Carvalho P. R. *Psicologia*, 1999. Disponível em: <[www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/resumov1n23.htm](http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/resumov1n23.htm)> Acesso em: 28 ago. 2004
3. Campbell H. *Community.dot.com*, 2000. Disponível em: <<http://www.yjb97.dial.pipex.com/events/cag00/papers/campbell.htm>> Acesso em: 08 ago. 2004.
4. Lemos A. *Olhares sobre a Cibercultura*. POA: Sulina, 2003; Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos>>. Acesso: em 10 abr 2005.
5. Lemos A. *Bodynet e Netcyborgs: Sociabilidade e Novas Tecnologias na Cultura Contemporânea*, 2000. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos>>. Acesso em: 10 abr 2005.
6. Bowers J. *Contexts of Computer-Mediated Communication*. London: Wheatsheaf/Harvester, 1992.
7. Kiesler S; Siegel J; McGuire T. *Social Psychological Aspects of Computer-mediated Communication*. in *American Psychologist*, Outubro 1994, Vol. 39 No. 10, p. 125.
8. Honorato E. *Sexo virtual*. CEULM-ULBRA. Manaus, 1999b.
9. Rosso L. *O Baile de Máscaras Do Século XXI - Estudo sobre a influência da Comunicação Mediada por Computador no Comportamento do Usuário*, 2003. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/>> Acesso em: 15 abr 2005.

10. Spears R; Lea M. *Social influence and the influence of the 'social' in computer-mediated communication*. London: Wheatsheaf/Harvester, 1992.
11. Parks M. R; Floyd K. *Making friends in cyberspace*, 1996. Disponível em: <<http://www.scm.org>> Acesso em: dec. 2002.
12. Fernebeck. *Moving Beyond Community In Cyberspace: A Theoretical Consideration Of Communal Interaction In Virtual Worlds*, 2004. Disponível em <[www.economics.com](http://www.economics.com)> Acesso em: 10 set. 2004
13. Bull S S; McFarlane M; King D. *Barriers to STD/HIV prevention on the internet*. HEalth Educational Research - Theory and Practice. Vol 16 n6, 2001. 661-670
14. Bowen A M; Horvath K; Williams M K. *Using the internet to recruit rural MSM for HIV risk assessment: sampling issues*. AIDS Behav. 2004 Sep;8(3):311-9
15. Malhotra, N K. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 3.ed. Porto Alegre (POA): Bookman, 2003.
16. Queiroz, M. *Pesquisa Qualitativa*. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v8n3/v8n3a13.pdf>> Acesso em: 18 ago. 2013
17. Gomes R. *Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa*. In: Minayo MCS, organizadora. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.
18. Disponivel.com Disponível em <[www.disponivel.com](http://www.disponivel.com)> Acesso em: 08 jun. 2010
19. Universo Online. Disponível em <[www.uol.com.br](http://www.uol.com.br)> Acesso em: 08 jun. 2010
20. Sowell RL, Phillips KD. *Men seeking sex on an intergenerational gay Internet website: an exploratory study*. Public Health Rep. 2010 Jan-Feb;125 Suppl 1:21-8.

21. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. [Internet]. [acessado 2010 jan 27] Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1517](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1517)
22. Paul JP, Ayala G, Choi KH. *Internet sex ads for MSM and partner selection criteria: the potency of race/ethnicity online*. J Sex Res. 2010 Nov;47(6):528-38. doi: 10.1080/00224490903244575.
23. Sanchez T; Smith A; Lansky A. *Developing a Web-Based HIV Behavioral Surveillance Pilot Project Among Men Who Have Sex with Men*. Open AIDS J. 2012; 6: 224–231
24. Tsui H Y; Lau J TF; *Comparison of risk behaviors and socio-cultural profile of men who have sex with men survey respondents recruited via venues and the internet*. BMC Public Health. 2010; 10: 232.
25. Bowen A M; Horvath K; Williams M K. *A randomized control trial of Internet-delivered HIV prevention targeting rural MSM*. Health Educ Res. 2007 Feb;22(1):120-7.
26. Garcia, W. *Corpo, Mídia e Representação – estudos contemporaneos*. São Paulo (SP): Câmara Brasileira do Livro, 2005.
27. Schraiber, L B. Gomes, R; Couto M T. *Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva*. Ciência & Saúde Coletiva [periódico na Internet]. 2005 [acessado 2012 jan 20] 10(1):7-17. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a02v10n1.pdf>
28. Alves, MFP. *Sexualidade e prevenção de DST/AIDS: representações sociais de homens rurais de um município da zona da mata pernambucana*. Cad. Saúde Pública [periódico na Internet]. 2003 [acessado 2012 jan 20] 19 (2). Disponível

em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2003000800024](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000800024)

29. Silva, C G M. *O significado de fidelidade e as estratégias para prevenção da Aids entre homens casados*. Rev Saúde Pub. [periódico na Internet]. 2002 [acessado 2012 jan 20] 36 (4): 40-49. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v36n4s0/11162.pdf>

### Capítulo 3 - Considerações Finais

A cada ano a internet se torna um instrumento mais presente na vida do brasileiro. Desde as escolas, passando pelos celulares e em casa, essa ferramenta, inicialmente desenvolvida como arma de guerra, se torna um meio de comunicação e interação social cada vez mais essencial e básico na vida desse sujeito moderno.

Recentemente tivemos no Brasil, seguindo a onda mundial de protestos, um movimento social bastante representativo da cibercultura, onde os jovens saíram das redes sociais e foram às ruas protestar. Esta mesma geração tida como cibernética, portanto, virtualizada, mostrou que a dicotomia real e virtual pode facilmente ser vencida. Além dos movimentos sociais, as mídias também tiveram que se adaptar e se tornaram papel importante na política nacional.

Até mesmo as ciências mais antigas e menos tecnológicas tiveram que se adequar a esta nova forma de comunicação, levando sempre em consideração suas especificidades. Apesar desse uso constante e em grande escala, essa nova forma de sociabilização tem a característica de ser sempre mutante e estar em constante aprimoramento. O que foi produzido ontem é usado hoje e descartado amanhã. As ciências têm certa dificuldade em acompanhar essas novas tecnologias e muitos dos problemas existentes hoje se dão por desconhecimento ou por falta de contato com essas tecnologias.

Entender esse novo meio social é importante para que possamos intervir nas mais diversas áreas e a saúde pública vem se integrando cada vez mais com esse meio virtual. Assim, entendemos que a relação da cibercultura com a saúde pública sai do campo puramente técnico para o campo prático de intervenção e análise de fenômenos. Precisamos desenvolver novas técnicas e adaptar as antigas para essa nova forma de interação humana.

Quando buscamos identificar padrões de corpos de homens como condição inicial de interação homossexual masculina no ciberespaço entendemos que nesse contexto temos esse corpo representado virtualmente, com desejo por músculos definidos, sem pelos que trazem sentidos de salubridade, de masculinidade. Um corpo que traduz um padrão de um período específico da sociedade, a cibercultura. Esse corpo com padrão estético representante do

desejo que não está totalmente virtualizado, mas que usa esse espaço para se expressar. Um novo espaço de interação para expressão dos desejos e como ferramenta de busca por parceiros, que podem levar a questões de vulnerabilidade.

Quando identificamos os sentidos atribuídos a corpos masculinos veiculados em espaços virtuais por parte de homens jovens, entendemos esse corpo forte, musculoso e com características intelectualizadas, ou ao menos desejadas pelos internautas. Há uma cibersexualidade onde o corpo e sua nudez são representados em pixels, digitalizando o desejo, que sai puramente do plano físico. Caso esse corpo, primeiro contato e cartão de visitas, consiga ser representando, virtualizado, desse desejo do outro, a porta será aberta para essa possível relação real. Para que essa relação se inicie, os sentidos de estética e salubridade devem andar juntos, onde o estético é saudável, e vice-versa. E nesse ambiente virtualizado e simulador do real, há o risco de se necessitar de características e habilidades do mundo real que não sejam possíveis de digitalização, estando seus usuários mais vulneráveis, se colocando assim, em riscos.

Temos então que analisar possibilidades e limites da prevenção da AIDS em ambientes virtuais homossexuais masculinos. e enquanto pesquisadores, precisamos entender o que é chamado de netiqueta, ou seja, normas de educação online, pois adentraremos em um universo novo para novas pesquisas. Precisamos refletir como divulgaremos nossos instrumentos sem que invalidemos sua utilização, visto que as barreiras físicas não existem mais. Assim como entender o quesito anonimato e sua influência nos resultados bem como as novas formas de escrita e expressões que o virtual proporciona.

É preciso entender que novas gerações surgem e suas relações com o virtual também. Além desse ponto devemos pensar e repensar as questões de ensino em saúde pública, desde teleconferências ou tele saúde até novas formas de ensino e qualificação dos profissionais da nossa área. Não podemos deixar de citar que as pesquisas de mercado hoje utilizam os consumidores pelas redes sociais e precisamos delas para nossas atuações.

Há que se repensar as questões quantitativas, quando o universo e a amostra passam a ser incalculáveis ou até mesmo crescentes a cada minuto em

progressão geométrica. Assim como entender como as metodologias de pesquisa nessa área precisam se adequar para este novo formato, sem perder sua essência. Em alguns poucos meses teremos mais e mais tecnologias que promovem a interação e integração desses sujeitos e conseqüentemente dos pesquisadores.

É de conhecimento da academia que, especificamente os homens que fazem sexo com homens (HSH) utilizam mais a internet para busca de parceiros e que este comportamento os coloca mais em riscos. Pesquisas mostram que os riscos aumentam assim como as campanhas de prevenção e promoção de saúde não os alcançam. Precisamos então conhecer essa parcela da população, entender o seu comportamento e propor assim campanhas que minimizem esses riscos os quais essa nova forma de relações gera.

Um dos pontos mais importantes em se conhecer o comportamento desses usuários e os riscos aos quais estão expostos é podermos usar posteriormente estes dados para campanhas específicas. Dentro deste panorama é importante identificar os melhores tipos de abordagens e intervenções. Sanchez, Smith e Lansky<sup>1</sup> (2012) identificaram que a melhor maneira de se obter resultados em participação em pesquisas, para este tipo de público, é através de marketing direto.

A rede tem se tornado uma ferramenta potente e com baixos custos<sup>2</sup> e pode ser utilizada para expandir as possibilidades de divulgação de informações sobre saúde e mensagens de redução de riscos. É uma ferramenta em grande crescimento de usuários, financeiramente viável e ao mesmo tempo tem como usuários um grupo populacional de grande exposição ao risco<sup>3</sup>

Esta rede mundial de computadores pode ser utilizada então em programas que foquem em intervenções para redução de riscos de contaminação de homens que fazem sexo com homens. Além de uma grande ferramenta não somente para pesquisa, mas também para a intervenção, levando em consideração algumas peculiaridades, como a velocidade e qualidade da conexão<sup>3</sup> além de ter papel de controle e monitoramento das contaminações por HIV<sup>1</sup>. As políticas públicas e campanhas de prevenção em alguns países, mais recentes, tem conhecimento dessa explosão no uso de sites e constantemente

tem utilizado estes mesmo como meios de chegar ao seu público alvo das campanhas<sup>4</sup>.

A Internet se mostra então um excelente instrumento para pesquisas sobre comportamento humano, especialmente sexualidade. É uma excelente ferramenta para coletar dados, especialmente com Homens que fazem sexo com Homens (HSH), e de grande importância em pesquisas e programas de prevenção de HIV<sup>5</sup>. Esse homem moderno, que vive nas cidades predominantemente urbanas, tem aumentado significativamente o uso da internet para encontrar parceiros sexuais<sup>3</sup>. A internet é um importante componente no sistema de transmissão de doenças sexualmente transmissíveis nos dias de hoje e pesquisas comportamentais na internet são um campo em grande expansão e demanda<sup>1</sup>

As intervenções devem levar em conta essas características do virtual, especialmente nas campanhas de prevenção<sup>2</sup>. Devem contar com alguns desafios existentes já há mais de uma década, mas ainda enfrentados pelos pesquisadores. A qualidade de informações é uma delas, além das questões de privacidade e sigilo, uma vez que isso afeta aos usuários. Outro aspecto é o acesso à Internet, que apesar de largamente difundido em países economicamente favorecidos, ainda consiste em problema em alguns locais<sup>6</sup>. Uma possibilidade mais imediatista seria a criação de setores dentro das secretarias de saúde especializados em atividades relacionadas ao mundo virtual. Assim como agências de marketing e outros serviços trabalham com profissionais estudando e criando para esse público específico, a saúde pública também precisa ter esse olhar. Qualquer intervenção que se proponha a trabalhar com público jovem, nos dias de hoje, deve considerar estudos específicos no mundo virtual.

As novas gerações hoje já nascem com @ em seus dados pessoais, mostrando o quanto a cibercultura já faz parte da chamada cultura moderna. As intervenções em saúde pública precisam se adequar a essa nova formatação e entender esses sujeitos do ponto de vista sócio-virtual.

As pesquisas e trabalhos em saúde pública e áreas transdisciplinares costumam encarar a virtualidade como um campo de aplicação de instrumentos, para terem acesso ou contato com os sujeitos, quando devemos pensar esta

como um meio social de interação, com características próprias e pertencentes ao cotidiano dos sujeitos da sociedade moderna. Não se pode mais pensar na internet apenas como uma maneira de se realizar pesquisas ou divulgar instrumentos, mas sim com um campo social, virtualizado, onde existem novas normas e regras que atuam diretamente no comportamento desses nossos sujeitos modernizados e digitalizados.

Apesar de o ciberespaço ser visto frequentemente como um único espaço social, é importante perceber que existem certas características locais reais que podem ser transpassadas para o virtual, especialmente quando o serviço do site é de encontros locais, Algo que passa do virtual para o real<sup>4</sup>.

Estas podem ser importantes contribuições para o entendimento deste homem enquanto ser sócio-virtual, com um novo espaço de interações e relações sociais, enfatizando este como um espaço necessário de intervenção de políticas públicas de saúde.

## Referências

1. Sanchez T; Smith A; Lansky A. *Developing a Web-Based HIV Behavioral Surveillance Pilot Project Among Men Who Have Sex with Men*. Open AIDS J. 2012; 6: 224–231
2. Tsui H Y; Lau J TF; *Comparison of risk behaviors and socio-cultural profile of men who have sex with men survey respondents recruited via venues and the internet*. BMC Public Health. 2010; 10: 232.
3. Bowen A M; Horvath K; Williams M K. *A randomized control trial of Internet-delivered HIV prevention targeting rural MSM*. Health Educ Res. 2007 Feb;22(1):120-7.
4. Paul JP, Ayala G, Choi KH. *Internet sex ads for MSM and partner selection criteria: the potency of race/ethnicity online*. J Sex Res. 2010 Nov;47(6):528-38. doi: 10.1080/00224490903244575.
5. Bowen A M; Horvath K; Williams M K. *Using the internet to recruit rural MSM for HIV risk assessment: sampling issues*. AIDS Behav. 2004 Sep;8(3):311-9
6. Bull S S; McFarlane M; King D. *Barriers to STD/HIV prevention on the internet*. Health Educational Research - Theory and Practice. Vol 16 n6, 2001. 661-670

INSTITUTO FERNANDES  
FIGUEIRA - IFF/ FIOCRUZ - RJ/  
MS



**PROJETO DE PESQUISA**

**Título:** Sexualidade Masculina Homossexual, Prevenção da AIDS e Corpos em Ambiente Virtual

**Área Temática:**

Área 9. A critério do CEP.

**Versão:** 2

**CAAE:** 05822312.9.0000.5269

**Pesquisador:** ROMEU GOMES

**Instituição:** Instituto Fernandes Figueira - IFF/ FIOCRUZ -  
RJ/ MS

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**Número do Parecer:** 112.904

**Data da Relatoria:** 27/09/2012

**Apresentação do Projeto:**

Nas últimas décadas, com o advento do computador e de todo aparato tecnológico, as relações humanas podem ser intermediadas pela Internet, o que caracteriza algo atual, denominado de cibercultura. A facilidade com que esses meios promovem a interação entre pessoas tem impactos diretos na saúde pública. Diversos estudos têm se voltado para a rede mundial de computadores e sua interligação com o campo da saúde. Partindo da premissa que o ambiente virtual pode fornecer potentes subsídios para a prevenção da AIDS e que a discussão sobre o assunto ser de caráter interdisciplinar, é que se inscreve a presente pesquisa. Seu objeto de estudo é o corpo veiculado na Internet em ambiente homossexual masculino e a prevenção de AIDS.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Geral:

- Analisar aspectos relacionados à prevenção da AIDS em ambientes virtuais homossexuais masculinos que se centram na veiculação do corpo.

Objetivos Específicos:

- Identificar padrões de corpos de homens como condição inicial de interação homossexual masculina no ciberespaço;
- Identificar sentidos atribuídos a corpos masculinos veiculados em espaços virtuais por parte de homens jovens.
- Analisar possibilidades e limites da prevenção da AIDS em ambientes virtuais homossexuais masculinos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos oferecidos pela pesquisa são de nível mínimo, visto que a participação é voluntária. Os riscos de vazamento de informações por estarem armazenadas na Internet também são mínimos, uma vez que normas de segurança online serão seguidas.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

trata-se de pesquisa a ser realizada em ambiente virtual e os pesquisadores se comprometem a usar as normas de segurança on-line

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

adequados

**Endereço:** RUI BARBOSA

**Bairro:** FLAMENGO

**CEP:** 22.250-020

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** 2115-5417

**Fax:** 2115-5284

**E-mail:** cepiff@iff.fiocruz.br

INSTITUTO FERNANDES  
FIGUEIRA - IFF/ FIOCRUZ - RJ/  
MS



**Recomendações:**

Obter no CEP o carimbo do TCLE

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

aprovado

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Avaliação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

aprovado

RIO DE JANEIRO, 02 de Outubro de 2012

Assinado por:  
maria elisabeth lopes moreira

(Coordenador)

